



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

**AFETIVIDADE COMO FATOR DE QUALIDADE NA EDUCAÇÃO
INFANTIL: VISÃO DE PROFESSORES**

NATALIANNE LEMOS DO PRADO

Brasília
2013

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

**AFETIVIDADE COMO FATOR DE QUALIDADE NA EDUCAÇÃO
INFANTIL: VISÃO DE PROFESSORES**

NATALIANNE LEMOS DO PRADO

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Faculdade de Educação da
Universidade de Brasília – UnB como
requisito parcial para a obtenção do título
de Licenciatura Plena em Pedagogia, sob a
orientação da Professora Doutora Maria de
Fátima Guerra de Sousa.

Brasília
2013

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

**AFETIVIDADE COMO FATOR DE QUALIDADE NA EDUCAÇÃO
INFANTIL: VISÃO DE PROFESSORES**

NATALIANNE LEMOS DO PRADO

Banca Examinadora

Professora Doutora Maria de Fátima Guerra de Sousa (orientadora)

Professora Doutora Maria Fernanda Farah Cavaton

Professora Doutora Teresa Cristina Siqueira Cerqueira

Aos meus pais Maria Regina e Edgar que sempre estiveram presentes auxiliando e apoiando durante minha caminhada, lutas e vitórias.

APRESENTAÇÃO

Este é um trabalho de conclusão de curso orientado pela Professora Doutora Maria de Fátima Guerra de Sousa, apresentado à Faculdade de Educação da Universidade de Brasília para obtenção de título em licenciatura plena no curso de Pedagogia. O presente trabalho está dividido em três partes: Parte I – Memorial, Parte II – Monografia e Parte III – Perspectivas Futuras.

Na primeira parte, o memorial, são resgatadas memórias importantes sobre a minha vida escolar e acadêmica que colaboraram para minha chegada até aqui.

Na segunda parte, a monografia, mostra-se na íntegra a pesquisa realizada sobre a afetividade como fator de qualidade na educação infantil, que tem como objetivo: investigar a visão dos professores desse contexto sobre a afetividade, na perspectiva da qualidade.

A terceira parte, nas perspectivas futuras, são apresentados os caminhos que pretendo seguir após a conclusão do curso de Pedagogia.

SUMÁRIO

LISTA DE FIGURAS	9
AGRADECIMENTOS.....	10
RESUMO	12
ABSTRACT	13
PARTE 1 - MEMORIAL.....	14
PARTE 2 - MONOGRAFIA.....	20
INTRODUÇÃO.....	21
CAPÍTULO 1 - REFERENCIAL TEÓRICO.....	23
1 – Histórico da Educação Infantil	23
2 - Qualidade na Educação Infantil	29
3 - Afetividade como fator de Qualidade na Educação Infantil	34
4- Indicadores de Qualidade da Afetividade na Educação Infantil	37
4.1 – RAPP – Relação afetiva positiva entre professor e aluno, na prática pedagógica	38
4.2 – ESP – A escuta sensível do professor	38
4.3 - DRFE – Diálogo na relação família-escola.....	39
4.4 – AICA – Atenção individualizada a cada aluno.....	40
CAPÍTULO 2 - METODOLOGIA.....	42
2.1 - A abordagem da pesquisa	42
2.2 - Contexto da Pesquisa.....	42
2.3 - Participantes	43
2.4 - Instrumentos.....	43
2.5 - Procedimentos de Construção dos Dados	44
2.6 - Procedimentos de análise.....	44
CAPÍTULO 3 - ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS	45
3.1 - Relação afetiva positiva entre professor e aluno, na prática pedagógica.	50

3.2 - A escuta sensível do professor	55
3.3 - Diálogo na relação família-escola	62
3.4 - Atenção Individualizada a cada aluno	68
3.5 – Visão das professoras sobre afetividade e qualidade no contexto da educação infantil. .	71
CAPÍTULO 4 - CONSIDERAÇÕES FINAIS	78
PARTE 3 - PERSPECTIVAS FUTURAS.....	80
REFERÊNCIAS.....	82
APÊNDICE	85
ANEXO	88

LISTA DE QUADROS

Quadro I – Identidade dos Participantes.....	45
Quadro II – Formação dos Participantes.....	47
Quadro III – Experiência Profissional dos Participantes.....	49
Quadro IV – “Para você qual a função da educação infantil?”	71
Quadro V – “O que você entende sobre qualidade na educação infantil?”	72
Quadro VI – “Qual a sua opinião sobre afetividade na prática pedagógica?”	73
Quadro VII – “Temos uma situação hipotética em que há duas crianças da mesma faixa etária, uma frequenta a educação infantil e a outra não. O que você poderia falar sobre cada uma delas?”	74
Quadro VIII – “No contexto da educação infantil um tema muito discutido é qualidade. O que você entende sobre qualidade?”	75
Quadro IX – “Se uma pessoa fora do contexto escolar perguntasse a você, o que é afetividade no contexto da educação infantil? O que você responderia?”	76

LISTA DE FIGURAS

Figura I – Indicadores de Qualidade da Afetividade na Educação Infantil.....	37
--	----

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, por suas bênçãos, por me dar forças para chegar até aqui com saúde e vontade de continuar a caminhar e alcançar mais vitórias em minha vida;

Aos meus amados pais Maria Regina e Edgar, que sempre estão e estiveram ao meu lado, nos momentos mais difíceis foi neles em que busquei apoio. Pela dedicação e criação, pelo amor e compreensão e por todos os ensinamentos transmitidos.

As minhas irmãs Julianne, Rejanne, Edriane e Claudianne, por me incentivar e ajudar a correr atrás de meus sonhos.

Ao meu namorado Heitor, pelo amor, apoio, compreensão e dedicação de todos os momentos.

A Tia Lélia, sobrinhas, sobrinho, cunhados e familiares, por me apoiar e ajudar sempre que precisei e preciso.

Aos meus amigos, pelo incentivo e compreensão das ausências durante esse período.

A minha orientadora Fátima Guerra, pela orientação dos projetos e monografia, por confiar em meu trabalho, por despertar o meu interesse na educação infantil, por seus conselhos, colaboração e pela amizade criada entre nós.

A todos os professores que passaram por minha vida, pois estes com certeza tiveram sua colaboração para que eu chegasse até aqui.

A todas as pessoas que não citei, mas que tiveram um grande significado e contribuíram para essa vitória.

Obrigada.

As escolas deveriam entender mais de seres humanos e de amor do que de conteúdos e técnicas educativas. Elas têm contribuído em demasia para a construção de neuróticos por não entenderem de amor, de sonhos, de fantasias, de símbolos e de dores.

Cláudio Saltini

RESUMO

O presente trabalho de conclusão do curso de Pedagogia teve como objetivo trazer a visão dos professores da educação infantil sobre a afetividade como fator de qualidade nesse contexto. Para tal, sob a abordagem qualitativa foram entrevistados seis professoras, utilizando-se de entrevistas semi-estruturadas. As entrevistas e sua análise baseiam-se em Indicadores de Qualidade da Afetividade na Educação Infantil, construídos especialmente para esta pesquisa, tendo como referência trabalhos de autores como Wallon, Vygotsky e Zabalza. A análise e discussão dos dados construídos nas entrevistas com as professoras do segmento da educação infantil, mostraram a presença dos Indicadores de Qualidade da Afetividade na prática pedagógica desses professores. Entretanto, os mesmos percebem os aspectos da afetividade com uma visão do senso comum, também possuem visão limitada sobre os aspectos da qualidade na educação infantil. Observando-se que existe um desconhecimento dos aportes teóricos sobre essas temáticas. Sendo necessário que esses profissionais estejam atualizando constantemente seus conhecimentos para melhorar a qualidade de suas práticas pedagógicas.

Palavras-chave: afetividade, Qualidade na Educação Infantil, Visão de Professores, Prática Pedagógica.

ABSTRACT

This Pedagogy course conclusion work had as objective bring the vision of the elementary school teachers on the affective quality as a factor in this context. For such, in the qualitative approach were interviewed six teachers, using a semi-structured interview. The interviews and analysis are based on Quality Indicators of Affectivity in Elementary Education, elaborated especially for this study, with reference to the works of authors like Wallon, Vygotsky and Zabalza. The analysis and discussion of the data constructed in interviews with teachers of elementary education segment showed the presence of Quality Indicators of Affection in pedagogical practice of these teachers. However, they perceive aspects of affectivity with a common sense view, also have limited vision on aspects of quality in elementary education. Observing that, there is a lack of theoretical contributions on these themes. It is necessary that these professionals are constantly updating their knowledge to improve the quality of their teaching.

Keywords: affectivity, Quality in Childhood Education, Teacher's view, Pedagogical Practice.

PARTE 1
MEMORIAL

MEMORIAL

Desde muito pequena, hoje percebo, sempre fui fascinada pelos laços afetivos criados entre as pessoas. Acredito, também, que a arte da educação corre fervente pelo sangue de minha família. Pois bem, nasci em Brasília no dia 03 de agosto do ano de 1990, sou a filha caçula de cinco irmãs. Além disso, a diferença de idade entre eu e minhas irmãs é bem grande, o que faz com que elas me tratem como filha. Porque, afinal, tenho quase a mesma idade que os meus sobrinhos.

A educação entrou em minha vida, desde o momento em que nasci. Minha mãe e meu pai sempre leram histórias infantis para mim, enquanto eu não sabia ler. E a cada história lida, imaginava como aqueles códigos que eles liam podiam conter tanto conteúdo e tanta imaginação. Muitos livros e filmes infantis marcaram, fortemente, a minha infância, entre eles estão: Branca-de-neve, Chapeuzinho Vermelho, A vendedora de fósforos, Os três porquinhos, Bambi, Alice no país das maravilhas, Hércules, O Rei Leão, Aladim, Cinderela, O corcunda de Notre-Dame, A pequena Sereia e muitas outras histórias que me trazem recordações maravilhosas e as leio até hoje, para lembrar esses momentos.

Três das minhas quatro irmãs são educadoras. Sempre tive um forte contato com o meio escolar. Lembro que elas sempre traziam, para que eu brincasse, folhas brancas e coloridas, giz de cera, chamadas antigas, restos de trabalhos, entre outros materiais. Com esses materiais brincava de escolinha e fazia cartinhas e bilhetinhos para a família inteira, mesmo não sabendo escrever. Até que um dia, ganhei de presente um “quadrinho negro” com uma caixa de giz e um apagador de professor de verdade. A partir desse momento as brincadeiras de escolinha passaram a ficar muito mais interessantes. Colocava minhas sobrinhas para serem minhas alunas e brincávamos de escolinha quase todos os dias, durante horas. Então chegou o momento de entrar na escola, em fevereiro de 1995, entrei no Jardim I, no Colégio Marista Champagnat de Taguatinga, onde permaneci estudando até o ano de 2005, quando finalizei o atual nono ano, antigamente oitava série.

Esta escola me traz muitas recordações, muitos dos professores que marcaram a minha vida escolar foram de lá. Alguns dos amigos que tenho até hoje, estudaram comigo nesse colégio. Os primeiros romances, as primeiras decepções, a primeira

amizade verdadeira, os primeiros exemplos profissionais a seguir, os primeiros livros de literatura que me encantam até hoje. Entre esses, preciso citar “O pequeno príncipe”, antes de lê-lo para realizar um trabalho na sexta ou sétima série (atualmente sétimo ou oitavo ano), já tinha ouvido falar, mas nunca havia cogitado ler. Ao lê-lo fiquei encantada com a história, maravilhei-se com sua mensagem, até mesmo comecei a escrever alguns pensamentos e o meu diário por causa desse livro. O engraçado é que tenho esse diário até hoje, e apesar de não escrever mais nele, ainda o abro de vez em quando e releio alguns dos pensamentos que escrevia. Outro gosto desenvolvido no Marista foi o de escutar muita música. Juntamente com um amigo da época passava horas junto ao som para escrever as letras das músicas. Pois, naquele tempo, não pensávamos em retirar as letras prontas e impressas dos sites da internet. O gostoso era escrever palavra por palavra, conforme a música ia tocando e, se necessário, voltávamos ao início. O mais legal era que depois de escrever as letras das músicas, ficávamos conversando sobre a mensagem que ela transmitia. Acredito que isso me ajudou bastante nas interpretações de texto da disciplina de redação, porque, a partir desse momento, essa matéria me passou a interessar bem mais. Então o que posso dizer é que uma parte muito significativa da minha vida aconteceu durante o período em que estudei no Marista. Que saudade tenho desse tempo.

Quando saí do Colégio Marista, a sensação que tive foi de medo, por não saber o que poderia vir pela frente. Como estudei muito tempo em um único local, lá me sentia em situação confortável, onde já conhecia o método, as pessoas e, ainda, tinha o fato de minha irmã trabalhar lá, o que facilitava muitas coisas. Mas alguns acontecimentos fizeram com que juntamente com meus pais, tomasse a decisão de sair do Marista e ir para outro colégio, o que também seria uma experiência inesquecível.

No ensino médio, comecei a estudar no Colégio Ideal, na época ainda era uma instituição pequena que começava a ter nome no mercado. Lá é uma escola que foca no conteúdo, no vestibular e no meio profissional. O que inicialmente foi um impacto, porque no Marista, valorizava-se tanto a transmissão de conteúdo, quanto a aprendizagem de valores, a família e a relação de tudo isso com a escola. No Ideal tive mais ligação com a realidade que viria a enfrentar a partir dali. Era um colégio mais conteúdista, estava cotidianamente nos lembrando do vestibular, do PAS (Programa de Avaliação Seriada), da importância de passar em uma Universidade Federal, da carreira que pretendíamos seguir, de como devíamos estudar e da tão almejada UnB

(Universidade de Brasília). Inicialmente, estranhei bastante, e mesmo nunca sendo uma má aluna, sempre tendo notas boas, foi no Colégio Ideal que aprendi a estudar de verdade. Tinha tantas matérias que pensei que não fosse dar conta. Prova disso, prova daquilo, simulado, multidisciplinar, milhões de textos e dessa maneira foi se passando o primeiro, o segundo e, finalmente, o terceiro ano do ensino médio.

Mas antes de falar do meu último ano de ensino médio, não posso deixar de relatar o quanto foram marcantes os professores desse colégio. Apesar de o Colégio Ideal ter uma excessiva grade de conteúdos, alguns de seus professores, foram e são exemplos a ser seguidos. Pessoas incríveis que tive a oportunidade de poder compartilhar alguns anos de minha vida e pretendo seguir o exemplo, deles em minha carreira docente. Em especial cito a professora que mais me identifiquei durante todos esses anos escolares. A de literatura, que sabia o nome de todos os seus alunos, se importava com cada um deles, sempre percebia quando algum aluno estava chateado ou com problemas e além de tudo, transmitia o conteúdo da melhor maneira que já vi. Devo a ela a opção pelo curso de Pedagogia no PAS. Claro, também teve influência da minha família, das minhas irmãs que, desde cedo, me mostraram o meio escolar. Mas essa professora foi uma inspiração, uma esperança de poder fazer alguma diferença nas escolas e ser uma profissional que possa, de alguma forma, influenciar para o bem a vida dos alunos, das crianças, mostrando que a partir da educação e da afetividade muita coisa no mundo poderia ser diferente.

Mas retornando ao meu terceiro e último ano do ensino médio, lembro-me ter sido ele marcante em minha vida. Lá percebi que podia enfrentar muitas batalhas, da mesma forma que enfrentei a física, a química, a matemática, a biologia, a sociologia, entre muitas outras. As melhores e mais vivas recordações que tenho em relação a minha vida escolar, são desses anos puxados do ensino médio. Prova em cima de prova, uma correria absurda, contagem regressiva para a formatura, despedida dos colegas que passaram na UnB no meio do terceiro ano, viagem de formatura, colação de grau, missa, culto, baile, churrascos, festas, vestibular. E para minha surpresa, um texto que fiz juntamente com um de meus melhores amigos da época, em uma aula de redação, foi escolhido por minha turma para estar em nosso convite de formatura, essa lembrança carrego comigo até hoje e me emociono a cada vez que leio o que escrevi. Foi muito gratificante ter algo criado por mim reconhecido e tido a certeza que foi lido por várias pessoas. No texto acredito ter conseguido traduzir o pensamento e o sentimento de cada

um, da minha turma de terceiro ano naquele momento tão importante para todos nós. E com esse misto de emoções em dezembro de 2008 me despedi do ensino médio.

Em fevereiro do ano seguinte (2009) recebi a tão esperada notícia que foi o resultado desses três anos intensos de estudos: a aprovação na tão sonhada UnB. O que foi motivo de muita comemoração, principalmente por meus pais que ficaram muito orgulhosos, familiares e amigos mais próximos. Fui a primeira filha a passar em uma Universidade Federal, então foi uma ocasião muito especial e emocionante para mim e meus pais.

A partir desse momento se iniciou uma nova etapa em minha vida, pessoas novas, ambiente novo, aulas com formatos diferentes da escola, manifestações de alunos, votação para DCE (Diretório Central de Estudantes), Reitoria, Direção da FE (Faculdade de Educação), CA (Centro Acadêmico), formas democráticas que ainda não tinha tido a oportunidade de conhecer ou fazer parte e, também, outras novidades.

Na Universidade, o futuro profissional estava a cada dia mais próximo. Algumas disciplinas foram guiando o caminho que pretendia seguir na pedagogia. Inicialmente, fui para área do lúdico, onde aprendi a importância do brincar no momento da aprendizagem e como a criança se expressa intensamente a partir da brincadeira.

Também fiz um projeto na área da psicomotricidade, onde aprendi sobre o movimento das pessoas em relação ao mundo. O que foi de muito valor para trabalhar e compreender melhor os alunos em sala de aula.

A pedagogia hospitalar, também me chamou muito atenção, então fiz um projeto de extensão nessa área. Campo da Pedagogia que gosto muito até hoje e quem sabe, um dia possa seguir.

Mas o caminho escolhido, para que eu pudesse aprofundar, foi o da educação infantil. Embora sempre tenha gostado de me envolver com crianças, essa decisão foi tomada a partir de uma disciplina de mesmo nome e principalmente por causa de uma professora que me mostrou uma visão diferenciada sobre a educação infantil, que passou a ser a minha orientadora dos projetos 4 e projeto 5 - Monografia . Ela falou sobre aspectos da qualidade, do afeto, do cuidado, da história da infância e da criança, das relações família-escola, professor-aluno e aluno-aluno, de como pequenas atitudes realizadas durante a infância podem marcar o resto da vida de uma pessoa, entre outras coisas, que nunca tinha ouvido falar anteriormente. Os assuntos discutidos na disciplina me motivaram a fazer os projetos e a monografia sobre a educação infantil. Ao realizar

os estágios na escola e observar a relação dos professores com seus alunos, tive a certeza que gostaria de aprofundar um pouco mais sobre essas relações afetivas. E finalmente, hoje, com muito orgulho estou aqui apresentando à Faculdade de Educação (FE) e a UnB esse Trabalho de Conclusão de Curso sobre “Afetividade como fator de Qualidade na Educação Infantil: visão de professores”.

PARTE 2
MONOGRAFIA

INTRODUÇÃO

O professor influencia, de forma significativa, a vida de seus alunos, principalmente se trabalhar com a educação infantil. A criança, em geral, o vê como alguém que protege, ajuda, ensina, transmite segurança, enfim um exemplo a ser seguido. Assim, a afetividade no contexto pedagógico da educação infantil, se torna algo primordial.

A afetividade é um dos elementos que colabora com o desenvolvimento do indivíduo. Por meio do contato com o outro e da vida social, a criança estabelece vínculos afetivos e se desenvolve. A afetividade pode contribuir para se criar melhores condições de aprendizagem no ambiente escolar, tanto quanto para uma prática pedagógica de qualidade.

A adaptação ao ambiente escolar, principalmente para crianças pequenas é, muitas vezes, motivo de angústia e insegurança. A compreensão pelo professor do papel da afetividade na educação infantil pode fazer toda a diferença para a aprendizagem e desenvolvimento da criança, no contexto da sala de aula. Uma prática pedagógica acolhedora, permeada de simpatia, compreensão, afeição, escuta sensível e aceitação do outro, favorece a formação do autoconceito e da autoestima do aluno, o ajudando a ter mais autonomia. No ambiente escolar, Hillal (1985, *apud* ALENCASTRO, 2009, p. 18) ressalta a afetividade como suporte da inteligência, da vontade, da atividade e da personalidade. Sendo que nenhuma aprendizagem se realiza sem que ela tome parte:

Muitos alunos há cuja inteligência foi bloqueada por motivos afetivos; outro há cuja afetividade não resolveu determinados problemas, apresentando falha no comportamento. A afetividade constitui a base de todas as reações da pessoa diante da vida de todos os seus acontecimentos, promovendo todas as atividades.

Assim, é importante destacar que os aspectos afetivos devem ser trabalhados cuidadosamente pelos professores na relação ensino-aprendizagem. Pois, o educador é o mediador entre a criança e o conhecimento. Como não há aprendizagem desvinculada do afeto, este, muitas vezes, se torna um símbolo, assim como em geral pais e familiares, de afetividade para o aluno.

O presente trabalho buscou **investigar qual a visão dos professores da educação infantil sobre a afetividade, na perspectiva da qualidade nesse contexto.** Para tanto, foram realizadas entrevistas com seis professoras da área, com o intuito de **verificar o que elas conhecem sobre: a função da educação infantil, a qualidade e a afetividade nesse segmento.** E, também, **identificar no discurso delas sobre a prática pedagógica existe qualidade da afetividade.**

Desse modo, foram construídos especialmente para este trabalho, Indicadores de Qualidade da Afetividade na Educação Infantil. Estes explicitam elementos para se avaliar a qualidade na afetividade da prática pedagógica do professor da educação infantil. E por meio das entrevistas realizadas com professoras da área, foi possível obter essas informações.

Assim, esse trabalho se organiza em quatro capítulos. O primeiro apresenta a sua fundamentação teórica desde o histórico da educação infantil e seus aspectos legais, até a discussão sobre qualidade na educação infantil, a afetividade como fator de qualidade para educação infantil, mostrando como a afetividade se torna um fator de qualidade nesse contexto e por fim, os indicadores de qualidade da afetividade na educação infantil.

O segundo capítulo apresenta a abordagem da metodologia utilizada para a construção da pesquisa aqui relatada: a qualitativa. Os dados foram elaborados a partir de entrevistas semi-estruturadas, também são detalhados o campo de pesquisa e os procedimentos utilizados.

O terceiro capítulo traz a análise e discussão das entrevistas. Essas foram analisadas a partir dos Indicadores de Qualidade da Afetividade na Educação Infantil, com o apoio teórico dos autores que falam sobre o assunto, como Zabalza, Wallon, Vygotsky, entre outros.

Por fim no quarto e último capítulo se faz algumas considerações finais sobre o trabalho.

CAPÍTULO 1

REFERENCIAL TEÓRICO

1 – Histórico da Educação Infantil

A educação infantil é um dos momentos que mais deixam marcas na trajetória da vida de um indivíduo. A maior parte das experiências na fase da infância marcam as pessoas ao longo da vida. Daí a relevância, nesse período, de situações onde a criança experiente momentos felizes e aprendizagens significativas. Caso contrário, elas podem se tornar adultos com angústias, medos e até traumas, muitas vezes irreversíveis.

No ambiente educacional é necessária a oferta de uma educação infantil de qualidade, que se preocupe com a formação integral da criança e esteja pronta para receber crianças vindas dos mais diversificados meios sociais e econômicos.

Para se compreender um pouco mais sobre, a infância e a criança, a seguir tem-se um panorama histórico sobre esses aspectos.

Na idade média, em geral, a educação infantil era entendida como um papel exclusivamente familiar e, principalmente, função das mulheres. Mas, logo após o desmame e quando já havia adquirido as funções motoras, a criança passava a ajudar os adultos e também a ser tratada como se fosse um. Como na idade média, não existia saneamento básico, as condições de higiene e saúde eram muito precárias, havendo assim, um número muito elevado de mortalidade infantil, e esse era considerado um fenômeno natural (VALLE, 2010).

De acordo com Frabboni (1998), na Europa, aos sete anos de idade a criança recebia sua carteira de identidade “jurídica”, e já podia ser reconhecida como capaz de compreender e responder por seus atos socialmente. A partir desse momento era colocada para fora da casa de seus pais, para poder ganhar seu próprio dinheiro. Por causa desses padrões sociais desapareceu quase que totalmente o sentimento da infância. As crianças eram vistas como humanidade na lista de espera, como plantas imperfeitas que só seriam “concertadas” (se transformariam em adultos) sendo

abandonadas precocemente na sociedade adulta, onde não havia diferenciação entre crianças e adultos.

Analisando na Europa, obras de arte, Ariès (1973), identificou que até o século XII não se tinha vestígios de representações de crianças. Segundo o autor, tal fato se deve ao pensamento da época. Acreditava-se que a fase da infância não era duradoura, por isso não merecia ser registrada. Já no século XIII, as crianças passaram a ser vistas como páginas em branco que deveriam ser preparadas para a vida adulta. E só então por volta dos séculos XV, XVI e XVII, que a infância começou a ser descoberta. Só a partir desse momento que as crianças foram aceitas na sociedade como pessoas que deveriam receber um tratamento especial e deixariam de ser vistas como adultos de tamanho reduzido.

Valle (2010) acrescenta que na fase avançada da Idade moderna, a visão sobre a infância se transformou. A sociedade agrária da idade média deu lugar ao capitalismo, com a Revolução Industrial. A partir desse momento as fábricas precisaram de muita mão de obra adulta e as crianças começaram a ser deixadas em casa, sendo cuidadas por terceiros. Isso gera a necessidade de se repensar o que seria feito com as crianças filhas dos operários que precisavam trabalhar. Nesse período, os filhos dos burgueses frequentavam escolas, enquanto os filhos dos operários eram “abandonados” e mal tratados. De acordo com a autora:

Aos poucos, para o atendimento dessas crianças abandonadas, foram sendo criadas instituições formais, que não tinham propostas pedagógicas. A maioria das atividades realizadas nesses estabelecimentos eram voltadas para a obtenção de bons hábitos de comportamento, internalização de regras morais e de valores religiosos (VALLE, 2010, p. 16).

Percebe-se que, a partir da Idade Moderna, século XVIII, começaram a surgir as primeiras instituições voltadas para a educação infantil e “a infância sofre um processo radical de redefinição social e cultural” (FRABBONI, 1998, p 65). As crianças começaram a ser vistas de uma maneira diferente daquela da Idade Média. A partir daí começaram a surgir as instituições de educação infantil. Segundo Saraceno (1976, p 139-141 *apud* FRABBONI, 1998, p. 66):

De uma simples instituição de “direito privado” destinada a transmitir o patrimônio e o nome, a família vai assumindo aos poucos a consciência pedagógica, uma “função moral e espiritual (...). Os pais já não se satisfazem

em pôr filhos no mundo, em deixar a vida organizada somente de alguns (os primogênitos), desinteressando-se pelos outros. A nova moral impõe dar aos filhos uma preparação para a vida”. E assim, a família começa a valer-se da escola como uma agência unida a ela e que a complementa.

Dessa maneira, a criança ganha uma nova identidade, ela agora é vista como filho e aluno, e não mais como um adulto em tamanho reduzido. Nesse momento se reconhece que a criança merece uma atenção especial, para que apenas, futuramente, possa pertencer à sociedade adulta.

Na sociedade contemporânea, espera-se que a criança possa viver sua infância com uma educação de qualidade, tanto na família, na escola e na sociedade. Segundo Frabboni (1998, p. 68-69):

Uma infância que venha, logicamente, equipada com fantasia, sentimento, intuição, mas também “corporeidade”, com “linguagens”, “lógica”, “cultura antropológica”; com sangue social, com vontade de conhecer o próprio território de vida e a própria região histórica. Trata-se, é verdade, de uma criança bem dotada para voar através dos circuitos da fantasia; mas não para adotar a face de um ser metafísico, sem rosto, inexistente, e sim para dilatar e enriquecer os diferentes planos “contingentes” da sua identidade histórica e social.

Essa criança que sabe pensar por conta própria, que faz muitas de suas escolhas diárias sozinha, que vive em um mundo globalizado e é cercada por informações, merece uma educação que as prepare para o mundo. Por isso é fundamental que haja à preocupação em dar uma educação de qualidade para as crianças, em vez de apenas atender as necessidades assistencialistas da Idade Moderna, o que deveria gerar a necessidade de cada país criar suas próprias leis voltadas especialmente para educação infantil.

No Brasil no século XIX, como em muitos países, a educação infantil começou com um caráter assistencialista, onde a preocupação com a criança se restringia, apenas, ao cuidado e a higienização, também por decorrência do capitalismo. As instituições filantrópicas e sociais cuidavam das crianças filhas de mães operárias para que pudessem produzir mais sem se preocupar onde deixar seus filhos (VALLE, 2010).

O caráter assistencialista da educação infantil, fez com que esta não fosse vista como uma obrigação do governo. Desse modo, desrespeitava-se os direitos das crianças e de suas famílias, além de se entender a educação infantil como uma doação que o governo fazia à população da classe baixa, e dessa forma, justificava-se seu

serviço pobre e sem qualidade (BRASIL, 2006a). “A educação assistencialista promovia uma pedagogia da submissão, que pretendia preparar os pobres para aceitar a exploração social. O Estado não deveria gerir diretamente as instituições, repassando recursos para as entidades” (KUHLMAN JR, 2000, p. 08).

Além das instituições assistencialistas, pessoas das favelas e periferias também criavam espaços para cuidar das crianças, como mostra o documento do MEC:

Além dessas iniciativas, também as populações das periferias e das favelas procuraram criar espaços coletivos para acolher suas crianças, organizando creches e pré-escolas comunitárias. Para tal, construíram e adaptaram prédios com seus próprios e poucos recursos, o que seguem fazendo na ausência do Estado. (BRASIL, 2006a, p. 09)

Desse momento, início do século XX, até meados da década de 1970, as instituições de educação infantil viveram um lento processo de ampliação. Parte do que se referia a educação para crianças era vinculada aos órgãos de saúde, outra parte aos de assistência e ambos tinham um contato indireto com a educação. Esses órgãos não se responsabilizavam pelas crianças, porque todos reclamavam de algo que faltava, havia queixas da saúde sobre a falta da educação, a assistência social queixava-se da falta da saúde, e assim cada órgão exigia algo dentro de suas condições de atendimento. Como não havia um consenso, o trabalho pedagógico que deveria ser realizado na educação infantil era praticamente esquecido, e o caráter assistencialista continuava predominante. (KUHLMAN JR, 2000)

Em torno da década de 1970 no Brasil a educação de crianças de 0 a 6 anos passou a ser mais requisitada, não apenas por mulheres que faziam parte da classe operária, mas também por aquelas que trabalhavam em comércios, órgãos públicos, etc.

Em 1988, após um longo percurso da história, onde ocorreram muitas lutas visando o atendimento de crianças em instituições como creches e escolas. A Constituição de 1988 dá um grande passo ao estabelecer como dever do Estado, por meio dos municípios, garantia a educação infantil, com acesso a todas as crianças de 0 a 6 anos a creches e pré-escolas. Refletindo e provocando, uma mudança de concepção para a sociedade (BRASIL, 2006a). Porque a educação infantil, “deixava de se constituir em caridade para se transformar, ainda que apenas legalmente, em obrigação do estado e direito da criança” (BRASIL, 2006a, p. 09).

A partir da Constituição de 1988, a educação infantil não teve mais o caráter assistencialista, mas educativo, integrando o cuidar e o educar, necessitando da inserção de atividades pedagógicas que proporcionassem condições favoráveis ao desenvolvimento e aprendizagem das crianças.

Com o passar dos anos, por meio dessas lutas pela educação infantil surgiram reflexões, fóruns e até mesmo leis que reafirmaram o que a Constituição de 1988 propôs. Como Kramer (2006, p. 802) explica:

Pela primeira vez na história da educação brasileira foi formulada uma política nacional de Educação Infantil, processo desencadeado com a Constituição de 1988, e com a ação do MEC no breve período de 1994-1995. Nos últimos anos, mesmo no quadro nacional de desmobilização da Sociedade Civil, a luta pela educação da infância permanece, nos fóruns estaduais, na rede de creches e no interfóruns, organizados para encaminhar, de modo coletivo, questões centrais da política de educação infantil.

Essas ações levaram a educação infantil a ser a primeira etapa da Educação Básica, como é possível verificar na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDB (BRASIL, 2011, p. 21):

Seção II

Da Educação Infantil

Art. 29º. A educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade.

Art. 30º. A educação infantil será oferecida em:

- I - creches, ou entidades equivalentes, para crianças de até três anos de idade;
- II - pré-escolas, para as crianças de quatro a seis anos de idade.

Art. 31º. Na educação infantil a avaliação far-se-á mediante acompanhamento e registro do seu desenvolvimento, sem o objetivo de promoção, mesmo para o acesso ao ensino fundamental.

Vê-se que tal reconhecimento legal prioriza o desenvolvimento integral da criança. Não se consegue esta sem a oferta de uma educação de qualidade pelas instituições educativas. Reconhece-se, ainda, que a faixa etária das crianças da educação infantil é crucial. É nesse momento que, de acordo com o Plano Nacional de Educação – PNE,

[...] ela estabelece as bases da personalidade humana, da inteligência, da vida emocional, da socialização. As primeiras experiências da vida são as que marcam mais profundamente a pessoa. Quando positivas, tendem a reforçar, ao longo da vida, as atitudes de autoconfiança, de cooperação, solidariedade, responsabilidade (BRASIL, 2002, p. 13).

Desse modo, verifica-se a importância de uma educação infantil que vise o desenvolvimento integral de qualidade a criança. Referências e orientações pedagógicas para área encontram-se no Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil, organizado em três volumes. Segundo o MEC tal documento:

(...) constitui-se em um conjunto de referências e orientações pedagógicas que visam a contribuir com a implantação ou implementação de práticas educativas de qualidade que possam promover e ampliar as condições necessárias para o exercício da cidadania das crianças brasileiras. Sua função é contribuir com as políticas e programas de educação infantil, socializando informações, discussões e pesquisas, subsidiando o trabalho educativo de técnicos, professores e demais profissionais da educação infantil e apoiando os sistemas de ensino estaduais e municipais. (BRASIL, 1998, p 13)

Conforme seu título, o documento traz referências para se trabalhar o currículo. Não têm força legal ou caráter de obrigatoriedade. Mas se seguidas, elas são relevantes para orientar professores, gestores e demais profissionais das instituições de educação infantil, podendo contribuir para a melhoria das suas práticas pedagógicas desenvolvidas nessas instituições.

Diferentemente dos Referenciais, as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil tem caráter obrigatório. Estas “reúnem princípios, fundamentos e procedimentos definidos pela Câmara de Educação Básica do Conselho Nacional de Educação, para orientar as políticas públicas e a elaboração, planejamento, execução e avaliação de propostas pedagógicas e curriculares de Educação Infantil” (BRASIL, 2010, p. 11). Além disso, articulam-se com as diretrizes para a organização e funcionamento da educação infantil nos municípios. Nestes é fundamental que se observe tanto as diretrizes, quanto a legislação estadual e municipal, bem como as normas do respectivo sistema (BRASIL, 2010).

As Diretrizes tem grande importância na orientação e construção do Currículo e do Projeto Político Pedagógico das creches e pré-escolas. Merece destaque o expresso a seguir: “É dever do Estado garantir a oferta de Educação Infantil pública, gratuita e de **qualidade**, sem requisito de seleção” (BRASIL, 2010, p. 12).

Ter a educação infantil como um direito da criança é, necessariamente, oferecer uma educação de qualidade. Ou seja, propor uma educação que, efetivamente, contribua para a sua aprendizagem e o seu desenvolvimento, visando a sua formação integral.

2 - Qualidade na Educação Infantil

Infância e criança nem sempre tiveram o valor social dos dias atuais. Historicamente, essa valorização decorreu de diversos fatores, sociais, políticos e econômicos. Com o avanço do conhecimento na educação, psicologia e sociologia e áreas afins, vive-se a necessidade de se mudar a visão da infância e da criança e de se preparar as instituições educativas para recebê-las de modo adequado, oferecendo uma educação de qualidade. Mas o que é essa qualidade? Qual o seu sentido?

Existem inúmeras possibilidades de definição do que é qualidade. Seu sentido varia dependendo da cultura regional, do contexto histórico, econômico, entre muitos outros fatores. Conforme explicitado pelo MEC:

As definições de qualidade dependem de muitos fatores: os valores nos quais as pessoas acreditam; as tradições de uma determinada cultura; os conhecimentos científicos sobre como as crianças aprendem e se desenvolvem; o contexto histórico, social e econômico no qual a escola se insere. No caso específico da educação infantil, a forma como a sociedade define os direitos da mulher e a responsabilidade coletiva pela educação das crianças pequenas também são fatores relevantes (BRASIL, 2009, p.11).

Vê-se que no contexto da educação infantil o valor dado a qualidade é relativo, variando em diferentes contextos e culturas. A multidimensionalidade do conceito, a não hierarquização dos diferentes indicadores e a importância da integração entre esses indicadores é um dos aspectos que contribuirá para que a instituição de educação infantil se torne de qualidade.

Ao falar em qualidade na educação infantil é necessário, referir-se a contextos e práticas que pensem no desenvolvimento da criança. Conforme argumenta Sousa:

Qualidade em educação infantil é, antes de tudo, a criação de condições necessárias para que a criança efetivamente se desenvolva, aprenda e caminhe em direção à autonomia e do exercício pleno da cidadania, com alegria e prazer. A qualidade se traduz em oportunidades diversificadas para que cada criança cresça, aprenda e se desenvolva a partir da nossa interferência criteriosamente planejada e desenvolvida e permanentemente avaliada (SOUSA, 1998, p. 04).

A qualidade é algo que deve ser construído a cada dia, dentro do espaço escolar. É resultado do trabalho diário dos profissionais. É o espaço escolar, a rotina, a forma como a criança aprende, como ela é tratada, vista dentro da escola, é a instituição como um todo. De acordo com Zabalza (1998, p. 32):

- a qualidade, pelo menos no que se refere às escolas, não é tanto um repertório de **traços que possuem**, mas sim **algo que vai sendo alcançado**. A qualidade é algo dinâmico (por isso faz mais alusão às condições culturais das escolas do que aos seus elementos estruturais), algo que se constrói dia-a-dia de maneira permanente.

Uma instituição que pensa na qualidade tem um ambiente preparado especialmente para receber crianças de diversas culturas, com professores devidamente formados, que façam planejamentos, deem significado ao ajudar a criança a descobrir esse significado e que estejam dispostos a propiciar um ensino agradável com a melhor prática pedagógica possível. Segundo Zabalza (1998, p 27):

...as características pessoais do professor(a) de Educação Infantil continuam a ter um forte peso na definição do seu perfil profissional. Principalmente, aquelas que são básicas para estabelecer essas conexões adulto-criança:

- cordialidade, proximidade e “calor” (em oposição à frieza e ao estabelecimento de distancias);
- originalidade, capacidade de quebra da formalidade.

A importância de se ter profissionais especializados na faixa etária da educação infantil é fundamental. Esta visa, principalmente, as relações educativas que acontecem em um ambiente de convívio/construção coletivo/a, onde o professor/pedagogo tem o papel primordial de educar, cuidar e zelar dessas crianças. “Ao deixar à educação infantil a criança deve possuir um repertório de experiências e destrezas mais amplo, rico e eficaz, que expresse o trabalho educativo realizado durante os primeiros anos de escolaridade” (ZABALZA, 1998, p 20).

Uma educação infantil de qualidade depende de alguns aspectos básicos. Zabalza (1998) destaca dez aspectos-chave de uma educação infantil de qualidade sem que sejam hierarquizados, pois todos eles são importantes em si. Esses “constituem aspectos fundamentais de qualquer proposta ou modelo de educação infantil” (ZABALZA, 1998, p.49). São eles:

1 – **Organização dos espaços:** na educação infantil é necessário que haja espaços amplos que sejam facilmente diferenciados pelas crianças quanto a suas funções, com fácil acesso e especializados para tarefas individuais ou em grupo. Este aspecto é condição fundamental para que alguns outros aspectos possam acontecer (ZABALZA, 1998, p. 50).

2 – **Equilíbrio entre iniciativa infantil e trabalho dirigido no momento de planejar e desenvolver as atividades:** os professores devem valorizar e estimular a autonomia do aluno ao mesmo tempo em que desenvolvem as competências específicas do currículo (ZABALZA, 1998, p. 50).

3 – **Atenção privilegiada aos aspectos emocionais:** estes são a base para todo o desenvolvimento infantil. A emoção faz a criança se sentir bem, segura, transmite prazer e a faz ter autonomia. Esses aspectos exigem grande flexibilidade e oportunidades para que a emoção seja expressa (ZABALZA, 1998, p. 51).

4 – **Utilização de uma linguagem enriquecida:** é a partir da linguagem que começam a ser construídos o pensamento, a decodificação e a capacidade de aprender. Por isso, o ambiente da educação infantil deve ser de estimulação a linguagem, por meio da interação com os educadores, criando oportunidades para que as crianças falem e a cada dia aumente seu repertório (ZABALZA, 1998, p. 51).

5 – **Diferenciação de atividades para abordar todas as dimensões do desenvolvimento e todas as capacidades:** o processo de crescimento e desenvolvimento infantil é global e interligado, mas não se produz de forma constante e automática. Em cada área do desenvolvimento infantil se exige intervenções próprias para que o progresso seja equilibrado. Mas é importante que existam atividades globais que unam diversos outros tipos de intervenções (ZABALZA, 1998, p. 52).

6 – **Rotinas estáveis:** esta tem um papel de grande importância na definição do contexto em que as crianças agem e se movimentam, agindo como organizadora estrutural das experiências cotidianas. Faz com que o cotidiano se torne previsível, fazendo com que a criança tenha segurança e autonomia (ZABALZA, 1998, p. 52).

7 – **Materiais diversificados e polivalentes:** uma sala de educação infantil deve conter matérias que possibilitem diversificados tipos de ações pedagógicas. É tarefa do professor, organizar um ambiente que estimule o aluno e faça com que ele tenha vários tipos de experiências sobre a sua aprendizagem (ZABALZA, 1998, p. 53).

8 – Atenção individualizada a cada criança: mesmo não sendo possível dar uma atenção individual permanente a cada aluno, é necessário que se tenha parcialmente ou de tempos em tempos algum tipo de contato com cada um. Esse contato auxilia na aprendizagem e na aquisição de habilidades específicas da criança (ZABALZA, 1998, p. 53).

9 – Sistemas de avaliação, anotações, etc., que permitam o acompanhamento global do grupo e de cada uma das crianças: é necessário saber a qual meta se quer chegar para se desenvolver um programa “profissional” de educação infantil. É fundamental que o educador tenha capacidade de planejar e avaliar, analisado o funcionamento do grupo em seu conjunto e o progresso individual de cada criança (ZABALZA, 1998, p. 53-54).

10 – Trabalho com os pais e as mães e com o meio ambiente (escola aberta): a participação da comunidade na escola permite o desenvolvimento de atividades mais ricas e uma atenção mais personalizada a criança. As mães e pais conhecem melhor seus filhos e a escola também aprende muito com a presença dos pais (ZABALZA, 1998, p. 54-55).

No âmbito da política pública o MEC propôs parâmetros e indicadores de qualidade no contexto da educação infantil. Esses parâmetros e indicadores devem nortear o trabalho das instituições educativas, para que sejam espaços onde a criança, aprenda, se sinta bem, cresça e se desenvolva integralmente, alcançando autonomia. Sobre a diferença entre os parâmetros e indicadores de qualidade, o MEC esclarece que:

Parâmetros podem ser definidos como referência, ponto de partida, ponto de chegada ou linha de fronteira. **Indicadores**, por sua vez, presumem a possibilidade de quantificação, servindo, portanto, como instrumento para aferir o nível de aplicabilidade do parâmetro. **Parâmetros** são mais amplos e genéricos, **indicadores** mais específicos e precisos. (BRASIL, 2006b, p. 08)

Em outras palavras: os Parâmetros de Qualidade para a Educação Infantil contém os requisitos necessários para que haja uma qualidade que possibilite o desenvolvimento integral da criança na educação infantil, sendo flexíveis aos fatores culturais e regionais (BRASIL, 2006b). Já os Indicadores de Qualidade na Educação Infantil, têm como objetivo “traduzir e detalhar esses parâmetros em indicadores operacionais, no sentido de oferecer às equipes de educadores e às comunidades

atendidas pelas instituições de educação infantil um instrumento adicional de apoio ao seu trabalho” (BRASIL, 2009, p. 13).

Com relação aos indicadores, Sousa (1998, p. 02) explica que subjacente à qualidade, há sempre uma avaliação que é considerada a partir de parâmetros preestabelecidos:

A qualidade de algo ou alguém é então considerada a partir de parâmetros preestabelecidos ou de juízos de valor. Portanto, ao se falar em qualidade há que se identificar e se explicitar critérios objetivos de análise e indicadores de qualidade. Isto diminui os efeitos negativos das tendenciosidades ou dos procedimentos ou avaliações subjetivas. Assim, se queremos analisar a qualidade de um programa de educação infantil precisamos saber quais os nossos parâmetros de análise e o que, na prática cotidiana, pode ser considerado os indicadores dessa qualidade.

Sobre o pensamento de Sousa, é possível observar que para se falar em qualidade, é necessário o estabelecimento de critérios ou juízos de valor que possam “identificar” essa qualidade. Esses diminuirão as possibilidades da ocorrência de avaliações pessoais sobre projetos, ações, espaços, entre outros, na educação infantil. Sendo necessária assim, a criação de indicadores de qualidade, que sejam perceptíveis por meio da prática cotidiana.

Estabelecidos o conjunto de indicadores, podemos verificar de maneira objetiva se o que estamos investigando tem ou não qualidade. De forma que toda comunidade escolar tome conhecimento para que possam discutir e tomar atitudes para que haja uma melhoria nesse quadro. Podendo assim, colaborar para trazer melhorias à qualidade do quadro e no trabalho encontrado na instituição (BRASIL, 2009).

A qualidade na educação infantil está relacionada com o desenvolvimento e aprendizagem e estes juntamente com o afeto e a cognição são inseparáveis. Desse modo, é fato que a afetividade é muito importante para que isso aconteça. Ou seja, a afetividade está vinculada a qualidade e, como tal, pode ser considerada como um dos seus indicadores a ser dada atenção na instituição de educação infantil. Uma instituição que alcança bons resultados qualitativos, certamente se preocupa com a qualidade das relações afetivas na escola. Assim, para avaliar a qualidade da afetividade na educação infantil, foram construídos, especialmente para esse trabalho, alguns indicadores dessa qualidade.

3 - Afetividade como fator de Qualidade na Educação Infantil

A afetividade é vital para todos os seres humanos, pois, são os vínculos e as relações construídas com o outro durante a vida. Quando a criança entra na escola, sua importância se torna mais evidente ainda, por meio da relação professor e aluno. Sobre as reações emocionais Vygotsky (2003, p. 121) diz que:

As reações emocionais exercem uma influência essencial e absoluta em todas as formas de nosso comportamento e em todos os momentos do processo educativo. Se quisermos que os alunos recordem melhor ou exercitem mais seu pensamento, devemos fazer com que essas atividades sejam ensinadas e instigadas emocionalmente. A experiência e a pesquisa têm demonstrado que um fato impregnado de emoção é recordado de forma mais sólida, firme e prolongada que um feito indiferente.

Segundo autor, o professor necessita instigar seu aluno de maneira afetiva para que ele possa internalizar melhor o conteúdo a ser aprendido. Fatos e acontecimentos que envolvem a emoção, geram muito mais impactos e desenvolvem bem melhor os aspectos cognitivos do que os contrários. A escola precisa ser vista como um lugar onde a estimulação afetiva é necessária e possível. Todos sabem que no ambiente escolar, a formação cognitiva é privilegiada, contudo, o cognitivo e o afetivo se relacionam estreitamente um ao outro.

O corpo, a emoção e o cognitivo mantêm uma relação de interdependência e complementaridade. Conforme argumentado por Wallon (2007, p. 198):

É contra a natureza tratar a criança fragmentariamente. Em cada idade, ela constitui um conjunto indissociável e original. Na sucessão de suas idades, ela é um único e mesmo ser em curso de metamorfoses. Feita de contrastes e de conflitos, a sua unidade será por isso ainda mais susceptível de desenvolvimento e de novidade.

Vê-se em Wallon a não separação entre afeto, corpo e cognição. Ao longo da vida do indivíduo, o corpo, o afeto e a cognição estão influenciando um ao outro, nas atitudes, relações e nos pensamentos. É isso que faz do ser humano um sujeito organicamente social. Cada indivíduo forma a própria identidade a partir das relações que tem com o outro, pelas mediações, linguagem e tudo que se coloca entre ele e o mundo (WALLON, 2007).

No que se refere à afetividade no contexto da educação infantil, o educador/pedagogo, necessita estar ciente de que está se relacionando com um

indivíduo que apresenta emoções, pensamentos, cultura e crença. “A escola por ser o primeiro agente socializador fora do círculo familiar da criança, torna-se a base da aprendizagem se oferecer as condições necessárias para que ela se sinta segura e protegida” (KRUEGER, 2002, p 06).

Por menor que uma criança seja, ela já participa e já percebe o que acontece ao seu redor. Por isso, a importância de percebê-la como um ser humano completo, único e em desenvolvimento (BRASIL, 2006b). Sobre os aspectos emocionais Zabalza (1998, p. 51) diz:

Não apenas porque nessa etapa do desenvolvimento os aspectos emocionais desempenham um papel fundamental, mas porque, além disso, constituem a base ou condição necessária para qualquer progresso nos diferentes âmbitos do desenvolvimento infantil. Tudo na educação infantil é influenciado pelos aspectos emocionais: desde o desenvolvimento psicomotor até o intelectual, o social e o cultural. A emoção age, principalmente, no nível de segurança das crianças, que é a plataforma sobre a qual se constroem todos os desenvolvimentos.

Por meio da afetividade e do processo de cuidar da criança, o educador colabora com o desenvolvimento da autonomia, autoestima e inter-relação da criança com o seu ambiente e sociedade. O educador que é o mediador entre as crianças e os objetos de conhecimento deve dar oportunidades aos alunos de vivenciarem espaços e situações, de forma que os recursos e capacidades afetivas, emocionais, sociais e cognitivas sejam bem articulados (MENDONÇA E TAVARES, 2008).

Ao chegar à escola, a criança, não vai apenas aprender conteúdos e disciplinas. Vai também, vivenciar novas experiências, conviver com outras crianças e adultos e estabelecer novas relações afetivas, fora do contexto familiar. O professor precisa se atentar para esses acontecimentos, para melhor orientar a criança, mostrando-a como conviver bem nesse novo ambiente.

De acordo com Saltini (2002 *apud* MENDONÇA E TAVARES, 2008), no grupo, a criança procura satisfazer suas necessidades de amor, afeto, acolhimento e registros que lembrem a ela relações que mantém com sua família (pais, tios, irmãos, avós...). A criança procura de imediato encontrar esses laços de afeto no professor e em seguida, nas outras crianças do grupo. Conforme vai estabelecendo vínculos no ambiente escolar, ela começa a explorar o espaço, o que é fundamental para o seu desenvolvimento cognitivo, motor e emocional.

A afetividade é um rico canal de comunicação entre as crianças, os objetos e as pessoas com quem convivem (MENDONÇA E TAVARES, 2008). Para que essa comunicação se estabeleça sem traumas e decepções é fundamental que o educador trabalhe bem com a afetividade, a paciência e a serenidade, pois, por meio delas é que as mediações e relações ocorrerão. Tem todo sentido as palavras de Saltini (1997, p. 91):

A serenidade e a paciência do educador, mesmo em situações difíceis faz parte da paz que a criança necessita. Observar a ansiedade, a perda de controle e a instabilidade de humor, vai assegurar à criança ser o continente de seus próprios conflitos e raivas, sem explodir, elaborando-os sozinha ou em conjunto com o educador. A serenidade faz parte do conjunto de sensações e percepções que garantem a elaboração de nossas raivas e conflitos. Ela conduz ao conhecimento do si-mesmo, tanto do educador quanto da criança.

De forma pertinente, Saltini destaca que, na sala de aula, é importante que o educador saiba lidar com situações difíceis. Pois, existem momentos que algumas crianças podem ter explosões de raiva, onde é necessário que ele tenha muita habilidade, podendo ter que utilizar, do diálogo, do silêncio e do corpo, abraçando-a se for permitido, indicando, assim, que a afetividade é um fator fundamental no ambiente da educação infantil.

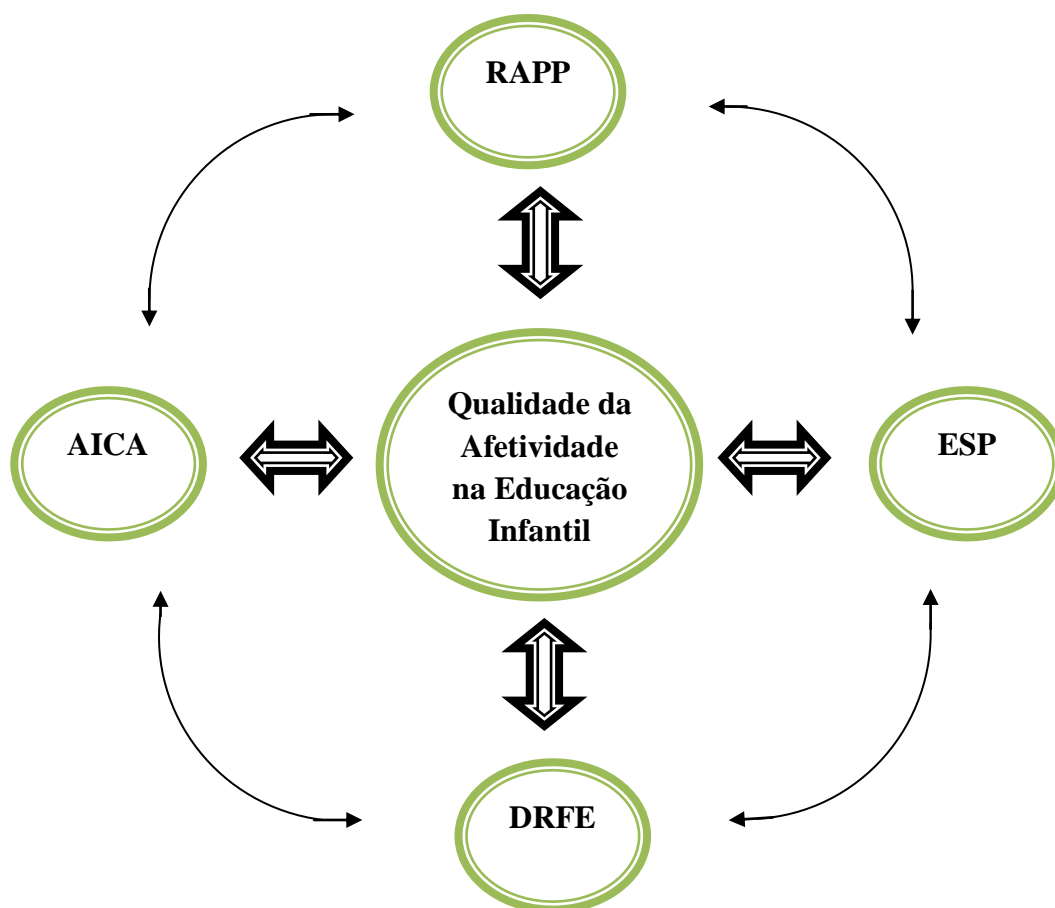
A insegurança também provoca medo e aumenta a tendência da criança a condutas defensivas, dificuldade de se relacionar e tomar iniciativas. Do ponto de vista prático, a resolução desses “comportamentos” exige uma atenção à dimensão emocional afetiva da criança. O educador para solucionar, do ponto vista prático, a situação, necessita ter grande flexibilidade e criar oportunidades para que o aluno possa se expressar de maneira emotiva, se autoconhecer e ser capaz de controlar, gradativamente, suas emoções (ZABALZA, 1998).

A afetividade é essencial à prática pedagógica, e ao ambiente da educação infantil. É por meio dela que a criança passa a ter laços afetivos com os coleguinhas e o professor e também a melhorar de forma integral seu desenvolvimento cognitivo e motor. Podendo alcançar melhores índices de autoestima, autonomia e autoconfiança. Sobre a qualidade da afetividade na educação infantil, a seguir serão mostrados os seguintes indicadores que identificam os aspectos afetivos de qualidade nesse contexto.

4- Indicadores de Qualidade da Afetividade na Educação Infantil

Indicadores são sinais que revelam aspectos de determinada realidade e que podem qualificar algo (BRASIL, 2009). Com um conjunto de indicadores é possível verificar se algo vai bem ou mal na instituição ou sala de aula da educação infantil. Neste trabalho, o foco é a afetividade no contexto da sala de aula. Para se avaliar a qualidade da afetividade, vale destacar, que os indicadores a seguir foram construídos para este trabalho. E como é mostrado na figura abaixo, não apresentam hierarquia entre si, ou seja, nenhum é mais relevante que outro, sendo necessário existir a integração entre eles para que a afetividade se torne de qualidade.

FIGURA 1: Indicadores de Qualidade da Afetividade na Educação Infantil



Fonte: a autora

4.1 – RAPP – Relação afetiva positiva entre professor e aluno, na prática pedagógica

A relação afetiva positiva entre professor e aluno, na prática pedagógica, é a criação de um vínculo afetivo entre esses sujeitos para que haja uma melhoria na prática pedagógica. Pois, na educação infantil a relação afetiva entre professor e aluno é fundamental para a formação desses vínculos afetivos. O professor que consegue estabelecer uma relação afetiva positiva com seus alunos, e dar maior atenção a eles, geralmente, consegue o melhor desenvolvimento por parte dos mesmos. A qualidade da relação professor-aluno está também na capacidade do cuidar. O cuidar faz parte da afetividade e, também, colabora com a criação de laços de confiança, liberdade e respeito com o professor, além de contribuir para o bem-estar da criança.

A relação afetiva positiva é um dos pontos fundamentais para que o aluno comece a confiar e perceber no professor alguém que pode contar. Esta relação contribui para o surgimento de melhores condições para o ensino-aprendizagem da criança, visto ser o afeto fundamental para o desenvolvimento cognitivo, motor, emocional, bem como para a autonomia e autoestima do aluno.

A afetividade positiva na sala de aula caracteriza a qualidade da prática pedagógica do professor. Esta influencia o modo como ele, trata os alunos e desenvolve suas aulas, motivando-os e envolvendo-os cognitivamente e afetivamente.

4.2 – ESP – A escuta sensível do professor

A escuta sensível do professor é o modo como este percebe e se coloca no lugar de seu aluno, para compreendê-lo melhor e exista assim, uma aprendizagem significativa da criança. A escuta sensível é fundamental também para que haja afetividade na relação professor-aluno. Pois, o escutar é “a sensibilidade de estar atento ao que é dito, ao que é expresso através de gestos e palavras, ações e emoções” (CERQUEIRA, 2011, p. 17). O ouvir e escutar têm funções diferentes. O ouvir está relacionado aos cinco sentidos – audição, olfato, paladar, visão e tato – e está restrito à aquilo que é dito. Já o escutar vai além da limitação daquilo que é explicitamente dito,

exige a percepção e a sensibilidade de compreensão ao que fica oculto no íntimo do sujeito (CECCIN, 2001, *apud* CERQUEIRA, 2011).

Na educação infantil, o professor tem o privilégio e a responsabilidade de escutar o seu aluno. Por sua escuta sensível, ele tem a oportunidade de compreender melhor a “complexidade do real da criança e enxergá-la em sua totalidade dinâmica, biológica, psicológica, social, cultural, cósmica, indissociável.” (BARBIER, 2007, p. 87 *apud* CERQUEIRA, 2011). Entendendo cada aluno e suas diferentes necessidades afetivas, o professor poderá ter um planejamento mais adequado e flexível que contribuirá para a aprendizagem e desenvolvimento integral do aluno.

4.3 - DRFE – Diálogo na relação família-escola

O diálogo na relação família-escola acontece quando esses trocam informações pensando no melhor desenvolvimento da criança. Pois, estes são os locais de convivência mais direta da criança, onde ambas são co-responsáveis pela sua educação. Daí a importância da comunicação dessas duas instituições. São onde a criança aprende e se desenvolve, cotidianamente. Quanto mais próxima for a relação entre essas duas instituições, maior a possibilidade de desenvolvimento integral e saudável da criança.

Sendo a família o primeiro ambiente social em que a criança convive e se desenvolve cultural, cognitiva e afetivamente, está se torna, em alguns aspectos, o seu reflexo. Por isso a família precisa estar atenta para o seu processo educativo, muito do comportamento e atitudes da criança, decorrem de influência da família.

Em geral, a escola é o segundo ambiente no qual a criança passa a conviver. Ela já vem com crenças, valores e comportamentos próprios de sua família e, também, se depara com uma diversidade enorme de outros comportamentos. Tal diversidade é mais um elemento que evidencia a necessidade da relação família-escola. É desejável que haja uma ação complementar entre elas e o seu foco seja o desenvolvimento da criança. Ambas as instituições precisam de informações sobre como a criança cresce e se desenvolve em cada ambiente, de como trabalhar para ajudá-la nesses processos.

É importante a escola desenvolver projetos em comum com a comunidade para o enriquecimento do seu trabalho educativo. Com esse tipo de proposta a escola pode entender melhor o contexto onde está inserida e de certa forma, dá atenção mais

personalizada às crianças. Pais, mães e familiares ao se envolverem em projetos na escola, conhecem e aprendem a lidar melhor com os aspectos infantis dos seus filhos em suas casas. Os professores também aprendem muito com a presença dos pais e da comunidade ao ver como eles lidam e enfrentam os dilemas básicos de seus filhos pequenos (ZABALZA, 1998).

4.4 – AICA – Atenção individualizada a cada aluno

A atenção individualizada do professor para cada aluno acontece quando o professor percebe a importância da subjetividade da criança, dando a ela uma atenção especial sempre que achar necessário. Sendo isso fundamental para que ele conheça melhor as suas particularidades e necessidades educativas, bem como identifique, em cada um, dificuldades e facilidades de desenvolvimento e aprendizagem.

Cada criança tem sua subjetividade, sua história de vida e interpreta as coisas de maneiras diferentes. Entendendo melhor cada aluno, o professor tem mais condições de ter um cuidado especial com a forma que ele age dentro de sala de aula. Dependendo do jeito que ele fala ou se expressa, cada criança terá um olhar diferenciado e irá interpretar aquilo diferentemente. Podendo ele estar agradando ou não seus alunos.

Essa atenção individualizada não é fácil. Como bem explicitado por Zabalza (1998, p. 53): “Pensar que é possível dar atenção à criança de maneira separada durante todo o tempo é uma fantasia”. Principalmente em salas de aula onde costumam ter entre 15 e 25 alunos para um único educador. Mas, é possível ter uma atenção individual parcial ou de tempos em tempos, com cada criança (ZABALZA, 1998).

Sobre atenção individualizada Zabalza diz:

Mesmo que não seja possível manter uma atenção individual permanente, é preciso manter, mesmo que de tempos em tempos, contatos individuais com cada criança. É o momento da linguagem pessoal, de reconstruir com ela os procedimentos de ação, de orientar o seu trabalho e dar-lhe pistas novas, de apoiá-la na aquisição de habilidades ou condutas muito específicas, etc (ZABALZA, 1998, p 53).

Atendendo e observando a criança de uma maneira individualizada, o professor terá mais capacidade para perceber o que cada um necessita ao longo do seu processo de desenvolvimento. Sua intervenção passa a ser mais adequada, o que é gratificante para o educador. A atenção individualizada também cria oportunidades para o professor ensinar seu aluno de uma maneira mais exclusiva, envolvendo-se mais, cognitivo e afetivamente com ele e vice-versa.

Desse modo, o professor contribui para um aprendizado mais significativo e atraente, não causando, à criança sentimentos de aversão à escola e aos estudos. “É justamente com um estilo de trabalho que atenda individualmente às crianças que poderão ser realizadas experiências de integração” (ZABALZA, 1998, p 53). Em tais experiências ocorre grande parte das relações e vínculos afetivos, gerando um aprendizado mais significativo.

CAPÍTULO 2

METODOLOGIA

2.1 - A abordagem da pesquisa

A pesquisa qualitativa tem como objetivo compreender e interpretar os dados com maior qualidade e não apenas quantificá-los. Segundo Richardson (2008, p. 79).

(...) a abordagem qualitativa de um problema, além de ser uma opção do investigador, justifica-se, sobretudo, por ser uma forma adequada para entender a natureza de um fenômeno social. Tanto assim é que existem problemas que podem ser investigados por meio de metodologia quantitativa, e há outros que exigem diferentes enfoques e, conseqüentemente, uma metodologia de conotação qualitativa.

Na pesquisa qualitativa o pesquisador busca aproximar-se do ambiente onde ocorrem os fatos e compreender os seus problemas. Ou seja, seu foco está na natureza do processo e não apenas nos resultados e produtos. Richardson (2008, p. 90-91) explica que:

A pesquisa qualitativa pode ser caracterizada como a tentativa de uma compreensão detalhada dos significados e características situacionais apresentadas pelos entrevistados, em lugar da produção de medidas quantitativas de características ou comportamentos.

A pesquisa aqui relatada é de abordagem qualitativa. Os dados foram construídos a partir de entrevista semi-estruturada, seguido um dado roteiro, ou melhor, um guia, previamente elaborado com tópicos que deveriam ser explorados de forma espontânea no decorrer da entrevista.

2.2 - Contexto da Pesquisa

Das seis professoras escolhidos para a realização das entrevistas, as duas primeiras, eram de uma escola particular do Valparaíso – GO e as quatro últimas, de uma escola pública de Taguatinga - Distrito Federal.

As entrevistas foram realizadas nas próprias escolas onde as professoras dão aulas, em suas salas. Em ambas as instituições, as salas eram amplas, coloridas, com brinquedos diversificados, televisão com DVD, pia com sabonete, filtro com copos, tapete emborrachado, espelhos nas paredes, prateleiras com brinquedos e materiais escolares. Na escola particular existia em cada sala de aula da educação infantil, um banheiro adequado ao tamanho das crianças, na pública não.

2.3 - Participantes

A escolha desses participantes se deu pela facilidade de acesso e afinidade da pesquisadora com ambas as escolas. Visto ter feito, na escola pública, todas as etapas dos estágios obrigatórios da Pedagogia. Havia já um vínculo com a escola, professores e funcionários. As quatro professoras entrevistadas tinham respectivamente, 32, 49, 42 e 36 anos de idade e 9, 10, 8 e 5 anos de experiência na educação infantil. Três das quatro professoras tem formação em Pedagogia e uma possui o Magistério. Todas tem curso de pós-graduação.

Na escola particular, familiares meus trabalham na escola, havendo facilidade no contato com outros professores. Dessa forma, foram entrevistadas duas professoras, uma do jardim I e outra do maternal. Que possuem respectivamente 39 e 34 anos de idade e 15 e 4 anos de experiência com a educação infantil. Visto que a primeira ainda não concluiu o curso de Pedagogia e não tem o Magistério e a segunda possui o curso de Pedagogia, concluído em 2007.

2.4 - Instrumentos

Os materiais utilizados na pesquisa foram: um celular, utilizado como gravador, um netbook onde os professores respondiam aos questionários no início das entrevistas e um roteiro, que foram os instrumentos (apêndice) previamente elaborados com os temas que deveriam ser explorados de forma espontânea no decorrer do diálogo.

No questionário (apêndice) os professores deveriam responder dados sobre sua identidade, formação e experiência profissional, para que as entrevistas fossem melhor analisadas.

2.5 - Procedimentos de Construção dos Dados

As entrevistas foram realizadas entre os dias 01 e 15 de dezembro de 2012, gravadas em áudio, com a permissão dos mesmos, para que a transcrição fosse facilitada e não se perdesse nenhuma informação importante. (As entrevistas na íntegra se encontram em anexo). Ao iniciar as entrevistas pedia-se, a cada professor, que respondesse um questionário sobre informações de sua identidade, formação e experiência.

Buscando averiguar a pertinência do roteiro das entrevistas e a melhor forma de sua condução, decidiu-se em um primeiro momento fazer um ensaio de entrevista. Este se deu com as duas professoras de uma escola particular.

O ensaio da entrevista mostrou a necessidade de melhora no roteiro, tanto quanto a sua condução. No que se refere aos professores da escola particular, verificou-se uma tendência de indução e direcionamento das possíveis respostas dos participantes. Quanto aos professores da escola pública, viu-se a necessidade de priorizar-se o subjetivo, deixar a entrevista fluir de acordo com as suas visões, por meio de falas e pensamentos.

As entrevistas eram iniciadas com um diálogo aberto sobre a educação infantil suas funções e a de cada entrevistado, tendo-se como foco a relação entre a afetividade e a qualidade da educação infantil, a partir dos indicadores antes referidos, criados para os propósitos deste estudo.

2.6 - Procedimentos de análise

As análises foram realizadas a partir dos Indicadores de Qualidade da Afetividade na Educação Infantil, e também com a verificação das respostas das professoras sobre o que elas sabem sobre a função da educação infantil, a qualidade e a afetividade nesse contexto.

CAPÍTULO 3

ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Conhecer alguns aspectos como identidade, formação e experiência das professoras entrevistadas é importante para se compreender melhor o seu contexto e prática pedagógica. A seguir apresenta-se as respostas dadas dos professores aos questionários entregues no início das entrevistas.

No Quadro I estão informações sobre a identidade das professoras entrevistadas:

QUADRO I – Identidade dos Participantes

Participantes	Sexo	Idade
Professora I (Profa I*)	Feminino	39 anos
Professora II (Profa II*)	Feminino	34 anos
Professora III (Profa III*)	Feminino	32 anos
Professora IV (Profa IV*)	Feminino	49 anos
Professora V (Profa V*)	Feminino	42 anos
Professora VI (Profa VI*)	Feminino	36 anos

*Para preservar o anonimato dos professores usaremos Profa I, II, III, IV, V e VI.

Ao se observar o Quadro I percebe-se que todas as entrevistadas são do sexo feminino. Na escola, principalmente na educação infantil, essa situação não se modifica muito. A predominância das mulheres como professoras da educação infantil e séries iniciais é uma tendência a qual se pode fazer alguns questionamentos como: A mulher cuida melhor das crianças? Ela é mais afetiva? Existe alguma relação disso com a maternidade? Ela é mais paciente?

Segundo ARCE (2001) a constituição histórica, a imagem do profissional da educação infantil tem estado impregnado de vários mitos como: a maternidade da mulher, a mulher como rainha do lar, a mulher como educadora nata e a mulher

vinculada ao ambiente doméstico. De acordo com esses mitos criados e absorvidos pela sociedade no decorrer da história, a mulher se torna predominantemente importante para educar as crianças em seus primeiros anos da infância. “O início da educação de todo indivíduo deveria, assim, ser uma extensão natural da maternidade” (ARCE, 2001, p 04).

Entretanto, o mito da mulher como “educadora nata”, tem maior poder apenas no período relativo aos anos iniciais de escolarização. “Não sendo atribuída a mulher a responsabilidade sobre a educação em geral” (ARCE, 2001, p 04). Isso acontece pelo fato, de nessa época (século XIX), a mulher ser vista como um ser sensível, com menor capacidade intelectual e muscular, e com maior capacidade para cuidar das crianças menores, pelo fato de ter um útero, poder dar a luz e amamentar (ARCE, 2001). Esses aspectos fizeram com que a mulher, a mãe, fosse o primeiro ser humano a ter uma interação afetiva com a criança recém-nascida, dando a ela o papel indissociável de primeiro educador.

Indícios do mito da mulher como mãe, cuidadora, afetiva, paciente, rainha do lar, entre outros, ainda estão presentes nos dias de hoje no pensamento das pessoas e, também, na área da educação. A professora de educação infantil é vista por muitos, como a “tia” que cuida e brinca com as crianças para que os pais possam ir trabalhar tranquilos, porque deixaram seus filhos nas mãos de uma pessoa de confiança. “A “tia” é vista como uma substituta da mãe, pessoa adequada para realizar o trabalho feminino, de preferência, jovem, solteira e possuidora de uma moral inabalável” (NOVAES, 1997 *apud* ARCE, 2001, p 08).

Assim, é possível compreender o porquê de até mesmo nos dias atuais, existir a predominância, e quase exclusividade, de mulheres exercendo a profissão de educadoras da educação infantil e dos anos iniciais.

No que se refere à formação profissional, o grupo pesquisado tem a composição constante do Quadro II a seguir:

QUADRO II – Formação dos Participantes

Escola	Grupo	Magistério	Pedagogia	Pós-Graduação	Especialização	Mestrado	Outro
Particular	Profa I	Não	Sim (irá concluir em 2013)	Não	Não	Não	Não
Particular	Profa II	Não	Sim (conclusão em 2007)	Não	Não	Não	Não
Pública	Profa III	Sim (conclusão em 1994)	Não	Sim (Educação Infantil – conclusão em 2005)	Não	Não	Não
Pública	Profa IV	Não	Sim (conclusão em 1989)	Sim (Psicopedagogia – conclusão em 2007)	Sim (Alfabetização – conclusão em 2009)	Não	Não
Pública	Profa V	Não	Sim (conclusão em 2004)	Sim (Psicopedagogia – conclusão em 2008)	Não	Não	Não
Pública	Profa VI	Sim (conclusão em 1994)	Sim (conclusão em 2006)	Sim (Gestão Escolar – conclusão em 2008)	Não	Não	Não

Conforme mostrado, nenhuma professora da escola particular (33,3%) cursou o magistério. No outro grupo, duas (33,3 %) concluíram esse curso. No que se refere a pós-graduação apenas as professoras de escola pública (66,6%) tem esse curso. Não se questionou o motivo da busca desses cursos. É provável que a motivação seja a busca de melhoria salarial, pois sabe-se que quanto maior o nível de instrução do professor da rede pública de ensino, maior o seu salário. Outra possibilidade é a oferta de algum tipo de formação continuada como parte da política da Secretaria de Educação do Distrito Federal. A oportunidade de fazer uma especialização ou pós-graduação pode ser compreendida como um estímulo à projeção salarial e a melhor formação dos alunos das escolas públicas. A formação de profissionais da educação infantil e as suas condições de trabalho são fatores importantes da qualidade na instituição de educação infantil. Conforme explicitado pelo MEC:

Um dos fatores que mais influem na qualidade da educação é a qualificação dos profissionais que trabalham com as crianças. Professoras bem formadas, com salários dignos, que contam com o apoio da direção, da coordenação pedagógica e dos demais profissionais – trabalhando em equipe, refletindo e procurando aprimorar constantemente suas práticas – são fundamentais na construção de instituições de educação infantil de qualidade (BRASIL, 2009, p 52).

A qualificação dos profissionais da educação infantil é um indicador de qualidade da instituição. O que aponta para a hipótese de que quanto maior for o nível de instrução do professor que atua nessa área, melhor será a qualidade de sua prática pedagógica e, em consequência, as condições para o desenvolvimento e aprendizado da criança.

Supõe-se que profissionais mais bem qualificados e com melhores salários, têm mais motivação para criar e inovar em seu trabalho. Tem mais chances de proporcionar aos seus alunos aulas mais interessantes, criativas e dinâmicas. O educador mais qualificado estará melhor preparado para os desafios que irá enfrentar, cotidianamente, em sala de aula, tornando o processo de ensino-aprendizagem mais significativo e de maior qualidade.

Sobre o ano de conclusão Magistério, Pedagogia e de cursos de pós-graduação, no Quadro II observa-se que a Profa I ainda irá concluir seu curso de pedagogia. As outras possuem de 4 a 19 anos de formadas. Entre os anos de 2009 a 2012, as professoras não procuraram nenhum tipo de especialização, palestras e cursos, para colaborar com a melhora de sua prática pedagógica diária. Entretanto, no cotidiano da sala de aula, acontecem vários aprendizados na prática, que valorizam o currículo e aumentam as experiências das professoras.

A reflexão sobre a prática pode ajudar o professor a avaliar-se, inovar suas aulas, perceber melhor seus alunos. Enfim, se renovar profissionalmente. Em um mundo tecnológico, onde as crianças estão, cada vez mais atentas as novidades da sociedade, é fundamental que o professor igualmente, se atualize, inove constantemente por meio de cursos, palestras, especializações, leituras, entre outros.

A experiência profissional das participantes tanto varia em termos de tempo de trabalho docente na educação infantil e fora dela, quanto em aspectos outros, conforme se vê no Quadro III a seguir:

QUADRO III – Experiência Profissional dos Participantes

-	Profa I	Profa II	Profa III	Profa IV	Profa V	Profa VI	Total
Sempre trabalhou com Ed. Infantil:	Sim	Sim	Não	Sim	Sim	Não	4 = Sim 2 = Não
Tempo de trabalho na Ed. Infantil:	15 anos	04 anos	09 anos	10 anos	08 anos	05 anos	Média = 8,5 anos
Turma com que trabalha atualmente:	Jardim I	Maternal	Jardim I	Jardim I	Jardim I	Jardim I	1 Maternal 5 Jardim I
Número de crianças na turma:	15 crianças	08 crianças	15 crianças	15 crianças	22 crianças	15 crianças	Média = 15 crianças
Idade média das crianças:	04 anos	03 anos	04 anos	04 anos	04 anos	04 anos	Média = 3,8 anos
Tem auxiliar:	Não	Sim	Sim	Sim	Não	Não	3 = Não 3 = Sim

A experiência do pedagogo/educador, assim como a sua qualificação, é um fator relevante para a qualidade na educação infantil.

Do grupo de professoras a maioria, sempre trabalhou com a educação infantil. A mais experiente delas tem 15 anos de prática. A menos experiente tem 4 anos. No grupo como um todo a média de tempo de trabalho na educação infantil é de 8,5 anos. Percebe-se que, no geral, se tem um grupo de profissionais experientes, principalmente no caso das com maior tempo (10 e 9 anos) que sempre atuaram na educação infantil. A partir das entrevistas, percebem-se que as professoras com maior tempo de experiência revelaram mais convicção e melhor argumentação em relação ao tema tratado nas perguntas. Além disso, deram exemplos de sua prática e mostraram maior conhecimento sobre determinados assuntos.

Entre as entrevistadas, a maioria trabalha com o Jardim I. Apenas uma é do maternal. A média da idade das crianças é 3, 8 anos de idade. O total de crianças por

turma é de certa de 15 alunos. Contudo, como esperado, a professora do maternal tem menos alunos – 8. Outra professora (Profa V) tem um grupo bem maior – 22 alunos, o que dificulta a atenção mais individualizada aos alunos, o que se agrava pelo fato dela não ter auxiliar. No que se refere as auxiliares, apenas metade contam com auxiliar em sala, são duas da escola pública e uma da escola particular. As duas professoras com auxiliar em sala (Profa III e IV) têm aluno com necessidades educacionais especiais. Dada a relevância da atenção individualizada, na educação infantil, todos os professores precisariam ter um auxiliar. Ou seja, todas as turmas de educação infantil, deveriam contar, pelo menos, com 1 professor e 1 auxiliar.

A seguir serão analisadas as entrevistas a partir dos “Indicadores de Qualidade da Afetividade na Educação Infantil”, construídos especialmente para essa pesquisa. Eles são os seguintes:

3.1 - Relação afetiva positiva entre professor e aluno, na prática pedagógica.

A prática pedagógica desenvolvida numa relação afetiva positiva entre professor e alunos, contribui para o desenvolvimento de laços afetivos que serão cultivados durante o ano letivo. O cuidar também faz parte da afetividade e colabora para que os alunos tenham mais confiança, liberdade e respeito com o professor tornando o que ele ensina mais significativo.

A seguir, veja-se a percepção das professoras em relação às suas práticas pedagógicas e no tipo de relacionamento com os alunos.

Uma avaliação positiva de sua prática pedagógica foi feita pela Profa IV. Disse ela:

“Boa, eu considero boa, até muito, porque eu acabo me apegando, eles são tão pequeninhos e a gente vê o crescimento deles no decorrer do ano, mas o professor sabe que no final do ano tem que se desligar, porque a criança tem que andar, tem que ir para outra sala, ter outro professor, mas assim, é muito bacana ver a afetividade ligada entre o aluno e o professor, até os pais vem e falam: “O que você está fazendo professora? Minha filha quando é feriado chora em casa porque quer ver a professora”, teve uma que queria porque queria que a mãe ligasse pra mim, para falar comigo porque estava com saudade de mim. Pra mim isso é gratificante! E assim,

quando eu chego ali no portão que eles já estão aqui, eles vêm correndo me abraçar sabe, agarrar minhas pernas, mas é muito interessante. O lanche que eles trazem, eles sempre me oferecem, então assim, e sempre sabem que a professora é a líder da sala, claro que tem os líderes da sala, mas eles tem a consciência de que quem manda aqui sou eu, de mandar mesmo assim, porque acho que os pais trabalham essa questão em casa “tem que obedecer a professora” “a professora é como se fosse a sua mãe”, e os meninos repetem isso em sala. Tem uns que chamam até de mãe, mas até de vó. Esse ano não trabalhei isso, mas eu ensino os meus alunos a me chamarem pelo nome, porque é mais íntimo, cria muito mais um laço do que criar um título como professora”.

Vê-se que essa professora destacou o apego, em sua relação afetiva com os alunos, visto por ela como “pequeninhos”. De certa forma, ela evidencia ter consciência do processo de desenvolvimento da criança que se dá ao longo do ano e depois, lembrando-se da necessidade de “se desligar”, para que a criança siga o seu percurso escolar. Ressalta-se, ainda, seu sentimento positivo com relação à afetividade na sua relação com os alunos. Percebida e sentida como “bacana” e “gratificante”. Tudo indica convergências entre seus sentimentos e as percepções positivas dos pais sobre as relações afetivas junto às crianças.

Merece destaque os “sinais” de afetividade positiva no comportamento das crianças tais como: chorar para ver a professora no feriado, querer falar com ela no telefone, correr para abraçá-la, agarrar nas pernas e oferecer o lanche.

Essas percepções e sentimentos positivos presentes na relação professor-crianças fundam a criação de laços afetivos de qualidade no contexto da educação infantil. Além disso a criança quando cuidada e tratada com afeto pelo professor, este acaba se tornando uma pessoa de referência para ela. De acordo com Mukhina (1995, p. 210 *apud* KRUEGUER, 2002, p. 07):

(...) a criança extrai suas vivências principalmente do contato com outras pessoas, adultos ou crianças. Se os que a rodeiam a tratam com carinho, reconhecem seus direitos e se mostram atenciosos, a criança experimenta um bem-estar emocional, um sentimento de segurança, de estar protegida. O bem estar emocional ajuda o desenvolvimento normal da personalidade da criança e a formação de qualidades que a tornam positiva, fazendo-a mostrar-se benevolente com outras pessoas.

Sentir-se segura com seu professor faz a criança perceber que pode confiar e contar sempre com ele. Por outro lado sentindo-se gratificada com a qualidade afetiva de suas relações junto às crianças, o professor desenvolve, mais facilmente, uma didática de ensino mais adequada, preocupada com o bem-estar emocional dos alunos, seu desenvolvimento e aprendizagem. Seu planejamento tende a ser mais flexível, além da ocorrência de processos auto-avaliativos visando melhorar sua mediação no desenvolvimento integral do aluno.

Esses aspectos podem ser percebidos na fala da Profa IV. Ao ser questionada sobre como percebe que a criança não está tendo um bom aprendizado, disse ela:

“Eu procuro observar e escutar eles. Tento escutar tudo, saber a opinião da criança, brincar com eles assim ó: “vamos imitar a professora?”, ai eu sento, eu sou a aluna e alguém vai lá para frente, porque é ali que você pega seu jogo de cintura, porque teve uma época que eu pedi para uma aluna imitar a diretora, a única coisa que eles viam a imagem da diretora era assim ó: a diretora chegava na porta e falava assim “um bilhete para vocês”, e ela sempre chegava na porta fazendo isso, era só isso que a diretora fazia. Eu costumo pedir para eles brincarem de ser professor para me pegar aonde eu estou errada, porque se o professor grita ele vai gritar, se o professor bota de castigo ele vai botar de castigo na hora de imitar né, então eu trabalho muito nessa linha de avaliar, me avaliar através dos meus alunos, então a opinião deles para mim é importante, e eu acho lindo a fala deles, Paulo Roberto faz assim, eu falo” você tem certeza? E ele responde “eu tenho certeza professora”, então assim as minhas crianças ficam todas críticas, independentes, todas tem uma opinião para dar, se você chega e fala assim “alguém quer contar uma historinha? Todo mundo quer, não é aquela turma tímida, e quem dá essa liberdade é o professor, é ele que faz o aluno ser assim”.

Percebe-se que esta professora auto-avalia suas ações em sala por meio das “imitações” de seus alunos. Se mostrando consciente ao perceber que as crianças imitam o que vêem acontecer ao seu redor. Esses aspectos também são indicadores de uma escuta sensível. Desse modo, a professora observa e avalia o que é importante corrigir e melhorar na sua maneira de agir com as crianças. Método auto-avaliativo por meio de ações das crianças e de grande importância para qualidade da sua prática em sala de aula. Sobre a auto-avaliação do professor de educação infantil Zabalza (1998, p. 16) diz:

A capacidade de avaliar processos capacita, além disso, o professor(a) de mecanismos necessários para ser realmente construtor de seu trabalho e sentir-se protagonista do mesmo e do seu aperfeiçoamento: sabendo como avaliar o trabalho que faz, ele terá em suas mãos os dados necessários para saber quais são os pontos fracos do mesmo. A sua própria responsabilidade profissional o levará a iniciar passos necessários para melhorá-lo.

A auto-avaliação da prática poderá levar o professor a melhorar a qualidade de sua prática, inclusive sua relação afetiva com os seus alunos.

Outro critério relevante para a qualidade da prática pedagógica é o professor dar significado, compreender o significado do aluno e explicitar sua intencionalidade em relação às atividades propostas para as crianças. Veja-se a percepção da Profa VI sobre isto:

“Tudo que a gente traz para dentro da sala de aula tem que ter um objetivo, a criança tem que entender esse objetivo, porque se ela vê que é uma coisa solta, sem sentido pro que ela está fazendo, ela vai mudar, ela vai procurar outra brincadeira e vai começar a imaginar, porque a criança é muito imaginativa, ela usa muito da imaginação, então se isso daqui pra mim não tem objetivo nenhum eu vou largar isso aqui e vou procurar um pedaço de uma caneta e vou fazer daquilo dali um castelo e vou brincar e não quero saber do que está sendo feito pra lá, né.”

O que a Profa VI menciona sobre dar significado ao que é dado em sala de aula, na educação infantil é de extrema importância. Ajudando a criança na descoberta de significados contribui para sua motivação e envolvimento. Saber ajudar na construção de sentidos das atividades é de diferenciada, mostrar a ela a intenção daquela determinada atividade, o porquê dela estar fazendo aquilo, o objetivo dessa tarefa. Tudo deve ser explicado de uma forma que a criança possa compreender a atividade da melhor maneira, tendo estímulo e motivação para concluí-la.

Quanto a imaginação da criança, a Profa VI a percebe como uma derivação do aluno, para não se concentrar nas atividades propostas por ela. Considera a imaginação apenas, em situações de brincadeira. Entretanto, a imaginação é algo a ser estimulado em todos os momentos numa prática pedagógica de qualidade, para que seja desenvolvida a criatividade e a curiosidade na criança.

Destacando as atividades significativas que fez no início do ano letivo (e continuou fazendo ao longo deste ano para conhecer mais seus alunos), ressaltou que

trabalha dos aspectos individuais para o coletivo. No lúdico, explora o imaginário da criança. Além disso, destaca algo relevante para a qualidade da prática pedagógica de qualidade: a observação da brincadeira da criança.

“Atividades como brincadeiras, quando eu vou começar lá no individual, a gente começa muito com brincadeiras com bonecas, com carrinhos, com ursinhos de pelúcia, com bichinhos, porque eles refletem muito do que eles pensam na brincadeira deles, no imaginário que eles estão ali, então o brincar de casinha, o brincar de parquinho, o brincar no flamboyant, o brincar nos espaços, essa observação da brincadeira inicial é primordial para a gente saber exatamente o que essa criança traz embutido dentro dela, porque ela transmite essas brincadeiras dela, o que ela pensa, o que ela conhece, o imaginário dela, até aonde ela avança, então esse brincar, observar o brincar é primordial. E toda brincadeira e atividade tem que ter um significado para a criança”.

Percebe a educadora que ao se observar a brincadeira das crianças, é possível identificar o que pensam, sentem e, até mesmo, o que precisam. Dessa forma, o lúdico também é essencial para a qualidade da afetividade na educação infantil e na qualidade da prática pedagógica. Sobre a brincadeira e o brincar Paniagua e Palacios (2007, p. 77) explicam que:

Na educação infantil, a brincadeira não deveria ser um prêmio para depois do trabalho, mas, sim, uma das formas habituais de trabalhar, porque nessa idade a brincadeira não é apenas diversão, mas também descoberta, consolidação, aprendizagem sobre coisas e relações. (...) Além de seu aproveitamento cognitivo e social, a brincadeira tem uma grande utilidade emocional, pois nela se expressam muitos conflitos e se resolvem muitas tensões, pois já ali a criança que passou pela experiência pouco agradável de tomar injeção e que no dia seguinte administra o mesmo tratamento a todos os bonecos da classe... e aos colegas que estejam ao seu alcance. Assim, por meio da brincadeira, meninos e meninas nos mostram seu mundo, nos relatam suas preocupações ou tensões e, ao mesmo tempo, as expressam e liberam. Por isso é tão importante para eles ter a oportunidade de dar vazão a todo caudal de conhecimentos e emoções, de exploração e expressão que a brincadeira abrange.

Paniagua e Palacios de modo pertinente, enfatizam a função da brincadeira na expressividade das emoções e sentimentos das crianças. Em consequência, o lúdico e as brincadeiras são relevantes para melhoria das relações professor-aluno.

A relevância do lúdico e do brincar, apareceu na fala de outra educadora. No caso, por entender necessários na sua turma, devido a turma em que trabalhava ao final

do ano, ter passado por muitos professores durante o ano letivo, o que ocasionou bastantes problemas de comportamento e inseguranças entre os alunos. Sobre como melhorar a qualidade em sua sala de aula a Profa V falou:

“Olha, a gente trabalha muito com o lúdico, eu trabalho muito o lúdico com essas crianças. A professora falou que eu transformei a turma né, assim, o que eu acho sinceramente, sinto algumas diferenças assim em alunos específicos, mas quem está de fora, inclusive os pais, já vieram falar para mim: “nossa, fulano se quer ficava sentado aqui fora, eles brigavam o tempo todo, e agora eles sentam, eles conversam” , eles vieram falar assim para mim, mas eu trabalho muito isso, o brincar, o interagir, para sentir na pele do outro mesmo, porque um vem e às vezes bate, até o brigar mesmo, quando o acontece eu chamo converso e falo para se colocarem no lugar do outro, se isso é legal ou não e assim é que eu consigo levar, mas você vê a diferença muito é na forma de brincar, no lúdico mesmo, e é exatamente o brincar, o cuidar que vai fazer com que ele se desenvolva”.

No depoimento da Profa V observa-se que o lúdico é um instrumento de grande ajuda para os professores da educação infantil e essencial ao desenvolvimento da criança. Através dele é possível ensiná-las de uma maneira mais significativa. Juntamente com a afetividade e o cuidar na relação professor-aluno, o processo de ensino-aprendizagem torna-se de mais qualidade. Sendo que “do ponto de vista do desenvolvimento, a brincadeira não é uma forma predominante de atividade, mas, em certo sentido, é a linha principal do desenvolvimento na idade pré-escolar”. (VYGOTSKY, 2008, p. 24).

Por fim, a relação afetiva positiva, na prática pedagógica é um dos indicadores de que existe afetividade de qualidade na educação infantil. E quanto melhor a prática pedagógica, maior a qualidade desse afeto e em consequência também a relação professor-aluno.

3.2 - A escuta sensível do professor

Na sala de aula da educação infantil, um dos sentidos da escuta sensível, é o professor estar atento não apenas ao que é dito, mas também, às expressões, palavras,

ações e as emoções. Escutar sensivelmente requer uma preocupação com a percepção e a sensibilidade de compreender aquilo que está oculto no íntimo da criança (CERQUEIRA, 2011). Acerca da importância da escuta sensível na educação infantil Edwards, Gandini e Forman argumentam que:

A atitude da escuta sensível por parte do professor é um elo importante que pode e deve ser usado na conquista afetiva de seus alunos. É, ainda, uma estratégia adequada para ser vivenciada em uma escola, em geral. No contexto de um programa de educação infantil de qualidade, esta escuta pode ser considerada com uma resposta, ou melhor, como uma prática pedagógica centrada na criança para facilitar a compreensão da complexidade do seu mundo. Isto se torna ainda mais relevante porque nessa fase, as crianças ainda não são capazes de apresentar, com clareza, seus pensamentos e suas observações por escrito. Nesse contexto, registrar diariamente o que as crianças observam, dizem e vivem no cotidiano deve ser uma prática constante do professor, para que ele possa ter um conhecimento sobre os níveis de entendimento e de seus enganos e percepção sobre os fenômenos cotidianos (EDWARDS, GANDINI E FORMAN, 1999 *apud* NUNES, 2009, p. 47).

Como visto, na educação infantil, a escuta sensível é muito relevante para a conquista da afetividade das crianças. Tal atitude facilita perceber, cada aluno das mais diversificadas maneiras, pela expressão, falas, gestos, etc. O professor ao identificar esses aspectos da criança, tem um panorama mais amplo de atividades que poderá realizar em sala de aula, de modo a compreender cada dia melhor, as necessidades de seus alunos.

Em algumas das entrevistas com as professoras, observa-se a presença da escuta sensível em sala de aula. Como na fala da Profa VI ao discorrer sobre como ela escuta os seus alunos:

“Então assim, eu escuto e observo os meus alunos em tudo, durante a rodinha, as conversas que eles têm entre eles. E a gente também tem que ter até cuidado com o que fala, com o jeito que fala, com os nossos comportamentos, porque eles imitam muito os nossos comportamentos né, então assim, eles agem muito por repetição né, imitação, a Laís então é um exemplo clássico disso, ela mais imitava o que ela via do que fazia coisas novas, então assim, a gente tem que ter muito cuidado no que faz. A observação então, porque ela é mais importante no início como diagnóstico de observação, extremamente importante, que é através dessa observação que você vai afinando todos os outros sentidos para saber ressaltar o que você vai trabalhar no currículo, o que é necessário para aquela turma, o que fazer para aquela turma, o que

você fazer quando chegar, então o primordial até para essa escuta é a observação, tem que saber observar”.

Essa professora tem claro que para escutar o aluno é fundamental a observação do comportamento do aluno: suas ações, brincadeiras e maneira com que ele age com o coleguinha. De algum modo a professora tenta se colocar no lugar da criança, percebendo-a sob vários aspectos. Cerqueira, Nunes e Sousa (2011, p. 68) de modo coerente destacam que:

(...) a relação professor-criança, no contexto da sala de aula, é fundamental para aprendizagem e desenvolvimento das crianças. A atitude de escuta, conforme aqui defendida, tem papel relevante nessa interação. Além disso, essa relação é importante também para a organização das rotinas diárias das crianças, bem como nas atividades que desencadeiam a aprendizagem de habilidades afetivas, cognitivas, motoras e sociais.

Como explícito pelas autoras, a escuta sensível está intimamente vinculada ao desenvolvimento e a afetividade da criança, tendo o professor papel fundamental nesse processo. Portanto, não se pode falar em uma prática-pedagógica de qualidade, sem que esta implique na escuta sensível e numa relação de qualidade com os alunos.

No relato da Profa I sobre saber escutar o aluno se encontram, também, elementos da escuta sensível:

“O professor tem que escutar o aluno, porque o aluno traz vivências de casa. Quando o professor está explicando a matéria, tem hora que o aluno quer conversar e falar de tudo “tia, aconteceu isso e aquilo”. Então eu acho que o professor tem que ter o momento de escutar o aluno sim, porque precisamos desse flashback, essa interação entre professor e aluno, tem que ter essa conversa, chega um momento da rodinha que nós temos que sentar e conversar, mesmo sem ter a rodinha, o professor tem que ouvir o aluno. Chegando na escola o aluno quer contar o que aconteceu em casa, o que vivenciou em casa... “a tia, eu ganhei isso” ou “a, eu cai” “aconteceu isso na minha família”, então, ele quer passar isso para o professor, pois o professor agora faz parte da família dele. Tem horas que eles vão chamar pra conversar e acaba te chamando de mãe, e fala “eita, não é mãe não, desculpa” e no caso de chamar de tia “oi tia”. Então, você precisa ouvir os seus “filhos”, eles vêm com novidades, vem com assuntos que você tem que dar atenção. Uma vez o aluno trouxe um assunto sobre violência que não era nada da aula, não tinha nada a ver, mas nós falamos sobre violência, tratamos

um pouco a importância né, afeição sem violência, às vezes o coleguinha quer bater no outro né e não pode, então é ensinando isso para eles. É, ouvir o aluno é bom, claro que tem horas que a gente fala que é hora de ficar quietinho porque a tia vai explicar, porque senão eles querem falar a aula toda, tomar conta, ter o momento pra eles falarem sim, é preciso. é necessário, porque eles tem que desabafar, tem que falar, tem que expor aquilo que eles estão guardando dentro de si, então quando o professor dá o momento para eles falarem, nossa. eles falam, eles querem ser ouvidos e notados. E quando você os põe em ênfase, aí é que ele se sente astros, estrelas, (risos). Então tem que dar essa atenção para eles, porque eles se sentem amados. Você professor dando ênfase para eles, eles se sentem muito amados, cada um deles, falando de algum trabalhinho, eles se sentem muito importante. Isso pra eles é um máximo, então ouça, ouça seus alunos, escute porque isso é necessário para o aprendizado, para uma relação boa, é necessário que o professor escute os seus alunos”.

Na fala dessa professora, destaca-se a consciência de que, na sua prática pedagógica, os alunos precisam ser ouvidos, de forma sensível, por motivos vários. Entre eles: a necessidade de conhecer as vivências que têm em casa, porque isso integra a relação professor-aluno e, ainda, para criar oportunidades que eles se expressem. Não menos importante é a sua percepção de que os alunos querem ser ouvidos e notados e que, ouvi-los é uma forma de fazê-los sentirem-se “amados e importantes”.

O discurso dessa professora mostra que ela não só tem uma escuta sensível no dia-dia de sua sala de aula, como tem, também, flexibilidade para incluir, em sua prática, contribuições ou comentários dos alunos. Como expresso por ela: “[...] Uma vez o aluno trouxe um assunto sobre violência que não era nada da aula, não tinha nada a ver, mas nós falamos sobre violência, tratamos um pouco a importância né, afeição sem violência, às vezes o coleguinha quer bater no outro né e não pode, então é ensinado isso para eles”.

A atitude de escuta sensível implica, na percepção dessa professora em dar importância ao que seus alunos trazem à sala. Sendo isto trabalhado por ela, tal foi o caso da criança que trouxe o assunto violência para classe, ela mostrou a importância da afeição sem violência para a turma.

Algumas crianças expressam seus sentimentos aos outros colegas de uma maneira agressiva. Esses aspectos também estão relacionados à afetividade em sala de

aula. Cabe ao professor, conversar com a família, e ensinar às crianças a importância de se colocar no lugar do outro e também a preferência do diálogo ao invés da agressão.

Dar atenção e conversar sobre assuntos trazidos pelas crianças é querer entender, com sensibilidade, o que os alunos sentem, e aonde precisam de ajuda. É, também, mostrar-se aos alunos como uma pessoa confiável, capaz de, compreendê-los e apoiá-los.

Aspectos da escuta sensível foram, também, encontrados em falas da Profa III, ao responder perguntas sobre como trabalhava a afetividade em sala de aula:

“Na nossa sala nós temos o emocionômetro, que lá fala como que a gente se sente no dia, aí fala se você está triste, está feliz, está com raiva, se está com medo, se está alegre, se está com sono, se não está nada, e isso é trabalhado todos os dias, se está feliz, porque está feliz? Se estiver triste, porque está triste? O que a gente pode fazer para ficar feliz.”

De forma original, essa professora usava o chamado “emocionômetro” para identificar os sentimentos dos alunos, a cada dia. O “emocionômetro” era um quadro de pano, com desenho de uma tabela, contendo o nome de cada aluno da sala e os dias da semana. A cada dia, o aluno deveria escolher e fixar a carinha representando o seu estado emocional do momento – alegre, triste, com medo e outros.

Tudo indica que essa foi uma criação sua, visto que ele não existia em outras salas. Ademais, anteriormente, no estágio obrigatório que a pesquisadora realizou nessa escola, no mesmo ano (2012), não havia esse recurso pedagógico com a professora temporária que trabalhava com essa mesma turma. Nenhuma das outras participantes da pesquisa referiu-se ao uso do “emocionômetro”.

Se, de um lado, o emocionômetro ajudava a professora a trabalhar os sentimentos de cada aluno no dia, do outro, a professora tinha consciência das suas possibilidades e limites reais de trabalhar o lado emocional da turma:

“Quando tem um problema, porque como tenho um aluno especial não é fácil, aí a gente precisa dar muita atenção. Mas partindo de um problema se eu não consigo resolver em sala com histórias, dramatização e conversando, porque às vezes as crianças não respondem pessoalmente, aí eu chamo a orientadora educacional.”

Questionada quanto à forma das dramatizações, a Profa III respondeu:

“Nós temos fantasias aqui na escola, aí eu conto uma história e cada um veste uma fantasia. Aí a partir desse personagem da para saber o que a criança tem o que ela está passando fora da escola. Ou então a gente faz brincadeira de casa, aqui é a sala, aqui é o quarto, eu sou a mãe, eu sou o pai e aí a gente vê como é o contexto familiar.”

Percebe-se que com as dramatizações, a professora tem outra estratégia de escuta sensível de seus alunos. Pois, ao se fantasiarem em suas brincadeiras, as crianças se expressam e transmitem melhor o que estão pensando e sentindo. A professora também revelou que valoriza o conhecimento de aspectos da vida da criança, em seu ambiente familiar. Daí sua atenta observação do comportamento dos alunos nas dramatizações, que pode dar indicações de como é o contexto em que convivem. O pressuposto é o de que muitas atitudes que as crianças têm, são provenientes do meio em que vivem, fora da escola. Mas numa prática pedagógica de qualidade isto não basta. É indispensável que haja comunicação entre família e escola, para que, juntas, criem condições para um melhor desenvolvimento do aluno, em ambos os ambientes.

Ao ser questionada se procura escutar seus alunos a Profa III disse:

“Sim, todo dia a gente conversa, faz a roda né, a rodinha e ali a gente conversa sobre o que aconteceu, o que gostaria, o que não gostaria, tem dia que a gente inventa, a hoje a gente podia fazer isso ou aquilo”.

Em síntese, nos relatos da Profa III percebe-se seu interesse em ajudar o aluno a partir da escuta sensível e da afetividade. As estratégias de dramatizações, rodinha, o chamado emocionômetro, ajudam-na compreender o estado emocional do aluno, e perceber como é o seu contexto familiar. Portanto, esta professora, tem mais elementos para poder ajudar os alunos no que for preciso em sala de aula e, até mesmo, pedir auxílio a pais e a outros educadores da escola, como no caso da orientadora educacional.

A importância da escuta sensível com uma das dimensões de qualidade da educação infantil é destacada, assim, por Nunes (2009, p. 53):

É nessa relação professor-criança que precisa estar presente a escuta sensível. A escuta sensível do professor torna-se uma dimensão de qualidade na educação infantil, (assim como as demais), por ser uma facilitadora do desenvolvimento e aprendizagem da criança.

No relato da Profa V, ao responder a pergunta sobre como melhorar a atenção a cada aluno na sala de aula são encontrados alguns aspectos importantes da escuta sensível e sua estreita relação com afetividade e com a qualidade na sua relação com os alunos:

“Ahhh, além de escutar os pais, eu também procuro escutar as crianças. Porque se não for assim não há afetividade, tem que ser na troca, uma troca mesmo, vamos sentar, vamos conversar até na hora da entradinha, não sei se alguma professora já falou, a gente reúne com toda a escola lá fora, e tem o caso da rodinha que todo dia alguém vem e traz um caso de casa né ou sei lá, algo que chateou ou alegrou, e todos sentam, todos escutam aquele né, e as vezes a gente até se põe no lugar mesmo “e se fosse com a gente, o que a gente faria?” A gente tem trabalhado muito assim, e Graças a Deus não tem receita a educação né, assim uma coisa engessada, mas tem dado muito certo aqui na minha turma, eles estão bem mais harmoniosos uns com os outros”.

A professora relatou que na rodinha diária que faz com a turma, os alunos contam coisas fundamentais para se desenvolver um trabalho diferenciado com cada criança. Ao falar que tem momentos das falas do aluno que ela se coloca até mesmo no lugar dele, a Profa V demonstra, na prática, a afeição e relevância de uma escuta sensível. Segundo Rogers (1977, *apud* NUNES, 2009, p. 43):

(...) o aluno percebe-se em um contexto propício à aprendizagem das matérias escolares, quando está diante de um professor que o compreende. Essa compreensão é diferente da avaliativa, que busca identificar e apontar os “erros” do aluno. A compreensão empática pelo professor demonstra uma atitude de empatia sensível. Para a criança, o sentimento de compreensão do seu professor a faz sentir-se única e entender que pode se desenvolver crescer e aprender. A empatia pode ser utilizada para referir-se ao esforço que o professor deve fazer para se colocar no lugar da criança, usando tanto a afetividade quanto a razão para entrar no mundo dela, seja para informar a respeito dos conteúdos escolares, seja para estabelecer limites para a sua postura diante dos colegas e, também, diante do seu professor em sala de aula.

O autor mostra a relevância de o aluno perceber que é compreendido por seu professor. Ao sentir-se importante, passa a ter uma empatia por seu educador e começa a aprender de uma maneira mais significativa.

A escuta sensível é um importante indicador de qualidade e afeto na educação infantil. Por meio dela o professor mostra mais sensibilidade e atenção ao perceber e

ouvir seu aluno, dando a ele mais segurança e afetividade, o que torna a relação professor e aluno de mais qualidade.

3.3 - Diálogo na relação família-escola

A relação família-escola merece atenção especial. Pois, o ambiente familiar é onde a criança cresce, aprende e se desenvolve diariamente. É também, em geral, o ambiente social predominante, onde ela ficou antes de conhecer a escola. E lá ela começou a se desenvolver afetiva, cognitiva e culturalmente. Assim sendo, a escola deve saber lidar e respeitar as diversidades encontradas nos costumes e valores de seus alunos. E, também, saber mostrar a cada um deles que existem diferenças entre as pessoas e que essas são naturais. É pertinente a observação de Paniagua e Palacios ao (2007, p. 214) dizerem que:

Há uma variedade cultural cada vez maior nas escolas, devida fundamentalmente ao fenômeno crescente da imigração. Todos defendemos a interculturalidade como uma fonte de enriquecimento, mas no dia-a-dia nos custa entender alguns comportamentos e estilos de relações familiares, e ainda persiste o discurso – explícito ou implícito – de que é preciso adaptar-se às normas e costumes do país de acolhida. Embora todos concordem que os direitos da criança e outros valores constitucionais são inegociáveis, os desacordos em geral começam por detalhes muitas vezes secundários, como ocorre, por exemplo, com hábitos alimentares.

Saber sobre a importância da interculturalidade é uma coisa. Lidar com esta problemática em sala de aula é outra. Muitos professores quando se deparam com isso, ao invés de procurar conhecer melhor e aprender um pouco sobre a nova cultura, agem com preconceito e intolerância. Cabe à escola trabalhar e ensinar sobre a aceitação das diversidades. Desde pequena, a criança deve aprender e respeitar todo tipo de cultura, crença, gênero, opção sexual, diferentes composições familiares, ente outros.

Ao trazer a família para participar do contexto escolar, a escola, além de conhecer melhor o ambiente em que a criança convive, também pode criar um vínculo afetivo com essa família. Este facilita a comunicação entre família e escola. A troca diária de informações entre esses dois ambientes é fundamental para o melhor desenvolvimento da criança, em ambos os locais.

A comunidade também tem papel importante para a escola, pois a criança e sua família fazem parte dela. O envolvimento da escola em projetos com a comunidade traz

grande enriquecimento para o trabalho educativo, ao envolver, família, escola, comunidade e criança.

Quanto a relação família e escola, a Profa I relatou o que se segue, ao ser questionada sobre o esquecimento das escolas em relação às famílias:

“Sim né, a família tem que estar incluída no ambiente escolar, porque geralmente tem pai que em exceções coloca o filho na escola, e o professor que eduque, que ensine, professor que se vire e o problema é seu se o meu filho não aprendeu a culpa é sua, então deixa o filho por conta do colégio, e não é bem assim, o colégio tem o dever de ensinar o seu filho, o educar é com os pais, com a família. Agora se a criança não está conseguindo aprender, se comportar, aí sim o professor com a escola e a família tem que se unir para resolver o problema do aluno né, porque essa criança não está se enquadrando nos padrões, porque ela não está aprendendo e não está se comportando conforme tinha que ser. A família no caso tem que se integrar ao colégio, buscar, porque a criança precisa do auxílio da família, pois vive com a família. O colégio a criança vem estuda e depois volta para casa, e os finais de semana são da família. Então a família se integra para saber o porque.. “a, o meu filho não está aprendendo” . Então, vamos nos unir, pais, professores, diretores, para o bem do aluno, para ver o que está acontecendo, porque quando se unem o maior beneficiado é o aluno, ele que é o resultado final de tudo, se o problema está com ele temos que resolver juntos para que seja tudo solucionado”.

A Profa I relata que a família deve se integrar à escola para resolver os problemas do aluno, quando este não está se enquadrando nos padrões. Mas que padrões? Isso poderia ter sido mais aprofundado no diálogo com a professora, ao longo da entrevista, o que não se sabe ao certo o significado real dado pelo professor ao “padrão” esperado. É muito provável que esse seja um pensamento equivocados porque nega o reconhecimento das diferenças na sala de aula. Ambos, família e escola precisam juntos, trabalhar o processo educativo na perspectiva do respeito às diferenças. A escola pode, também, ensinar a diferença entre as pessoas e, com ela, aprender como lidar com esta problemática em casa.

A referida professora mostrou ter consciência de que não só ela é responsável pela educação da criança no âmbito da escola e que a união gestão-professores-pais é necessária para o “bem da criança”. Quando a comunidade escolar se une, a criança tem

mais capacidade de desenvolver-se e aprender, evidenciando a oferta de uma educação de qualidade.

A Profa II, quando questionada sobre a relação de qualidade entre família e escola interferir na afetividade em sala de aula e sobre a família passar informações sobre a criança, assim se expressou:

“Se interfere? Sim, a família ajuda bastante, principalmente na reunião de pais, os pais vêm na reunião e pergunta como está o andamento dos alunos, querem saber os projetos também da escola, como é que vai ser durante o semestre, bimestre né, e eles ajudam bastante. Eles querem sempre estar dentro para saber as tarefinhas, como vai ser o conteúdo no livro, o que a professora ta passando né”.

“Sim, passam, falam que o aluno em casa é quieto, ai perguntam se o aluno é quieto em sala de aula, se é bagunceiro. Ajudam muito”.

Os depoimentos da Profa II mostram que a família tem grande participação na escola no passar informações importantes sobre os alunos e se importarem com o que está sendo ensinado a seus filhos. Como são alunos do maternal, tendo, em média 03 anos de idade, a participação da família no processo educativo é fundamental e a relação família e escola precisa ser de qualidade.

Já a Profa III sente falta da participação da família na escola. Isso surgiu quando questionada sobre o que faria para melhorar a qualidade da escola em que trabalha, se tentava fazer isso em sua sala de aula e se contava com a participação dos pais:

“Traria mais os pais para participar da vida escolar dos filhos”.

“Sim. Como entrei recentemente nessa turma, tento conversar com os pais nos momentos de chegada e saída dos alunos, é o único momento que tenho contato com eles, aí tento conhecer mais cada aluno através dos seus pais, mas é complicado”.

“Não, eu procuro muito a ajuda dos pais, mas não é positiva a resposta dos pais. Porque muitos trabalham, então a gente até entende, uns trabalham o dia todo, e vê a escola um lugar para deixar as crianças, um período seguro, mas mesmo assim a gente tenta”.

Percebe-se que há certo distanciamento entre as famílias de seus alunos e a escola. Essa professora reclamou da dificuldade em entrar em contato com os pais, e, além disso, muitos acharem que a escola é apenas um local para se deixar as crianças. Essas dificuldades na relação família e escola não são benéficas para a criança, pois esta faz parte dos dois ambientes, e esses necessitam se comunicar entre si em prol do aluno.

Como as entrevistas ocorreram já no final do ano, talvez o distanciamento entre os pais das crianças e a escola, seja pelo fato da Profa III, mesmo sendo a regente da turma, desde o início do ano letivo esteve ausente, em licença médica, até o mês de outubro. Os pais e alunos certamente se acostumaram e se afeiçoaram à professora temporária que a substituiu nesse tempo. Durante o ano letivo os vínculos formados entre as crianças, o professor e os pais são de grande importância, talvez a troca de professoras no final do ano, tenha prejudicado a comunicação e os vínculos criados entre família e escola.

Já a Profa IV ao responder como é a relação dos pais com a escola falou que:

“Participam bem, porque eles trazem e buscam as crianças aqui na escola, os pais de um ou outro que a gente não tem a possibilidade de ver porque os filhos vêm de kombi, mas o resto é bem frequente e os pais estão todos os dias na porta, e vão até a porta, qualquer coisa que acontece eles são bem exigentes também, então é assim, quem não deve não teme, quem está preparado para ser não tem problema com essa questão, eu costumo fazer amizade com os pais, além da escola sabe, então eu acho que é uma coisa bacana”.

A Profa IV fala sobre como é “bacana” a relação dos pais, da família, de seus alunos com a escola e que ela, até tem até mesmo, o costume de fazer amizade com eles fora do ambiente de trabalho. A relação de qualidade entre família e escola, também engloba a exigência dos pais sobre o que acontece dentro da instituição. Pois, também é dever da família buscar, diariamente, a qualidade tanto do afeto, quanto a qualidade em cada aspecto no ambiente escolar da criança.

Sobre a relação família e escola a Profa V enfatizou a colaboração e esclareceu como é a participação dos pais na instituição:

“Colaboram, é pouco tempo para falar isso pra você, porque já passaram muitos professores por aqui, e eu estou a pouco tempo aqui na sala né, mas assim, o que eu tenho percebido neles, não sei se foi por essa quebra de professoras, mas eles falam muito assim “ah, até quando vai ficar a professora”? Então a gente tem feito essa ligação maior com os pais, e é bom”.

“Ahhh, eles me falam como a criança é em casa, me perguntam como ela está na sala de aula, me falam sobre o comportamento da criança em casa, assim, eles me passam muitas informações que ajudam a dar uma atenção melhor a cada aluno, sabe”.

Ao contrário da Profa III, a Profa V que dava aula em outra turma, mesmo sendo uma professora temporária e ter entrado na turma no final do ano, depois da passagem de quatro outras temporárias, conseguiu construir um bom relacionamento entre a família e a escola. Ao fazer essa ligação ela percebeu a preocupação dos pais com o rodízio de professores que aconteceu ao longo do ano. Talvez esse seja um dos principais motivos das famílias dos alunos dessa turma estarem em contato diário com a escola.

Ao ser questionada sobre o que fazia para que tenha qualidade em sala de aula a Profa VI respondeu:

“Trabalho muito com a estimulação visual, com a estimulação individual de cada criança, vejo muito essa questão de equilíbrio, gosto de ter uma sala muito colorida, gosto de ter uma sala que tenha muito brinquedo, acho que conversar com uma criança individualmente, saber quais são os anseios dela, saber como é a vida dela pessoal que se interfere muito na educação dela dentro da sala de aula, saber como a família entende que essa escola influencia na parte pedagógica da criança, que muitas famílias pensam que as crianças estão apenas brincando e não conseguem entender que nessas brincadeiras existem vários objetivos que estão sendo trabalhados, então saber colocar isso para a família também, eu acho que é muito importante essa junção, família e escola, tem que estar tudo junto, todo mundo caminhando pertinho”.

Ao falar sobre a família, a Profa VI explica que muitas delas não entendem o trabalho pedagógico da escola e sua influência sobre a criança, destacando a importância de esclarecer isso para elas. Compreende-se, que a professora percebe a importância de se construir uma boa relação entre família e escola, para que ambas caminhem juntas e a criança melhor se desenvolva. Esse é um “indicador” positivo de afetividade na educação infantil, pois a comunicação entre os ambientes familiar e escolar são de fato importantes para que haja qualidade na escola.

Quando a Profa VI falou sobre a família foi questionado se a mesma tem participação na escola, de que forma e como é essa relação:

“Muito, é a que mais passa informações da criança né, então a gente tem que trabalhar com essas informações que ela traz, principalmente na idade dos nossos que vem de casa né, eles estão vindo do lar, é a primeira vez que vem na escola, então a gente tem que ver o que recebeu em casa para saber como continuar na escola”.

“Maravilhosa, Graças a Deus, tenho problema nenhum, a turma que eu estava trabalhando, era uma turma que como eu fiz muito o trabalho de conhecer primeiro o dia a dia deles em casa, a gente fez um relatóriozinho aonde os pais escreveram como que essa criança nasceu, como foram os primeiros passos dela, até ela chegar à escola como foi o desenvolvimento dela, para depois a gente criar um vínculo com cada uma dessas famílias, com algumas a gente teve que fazer um trabalho de interferência e com outras não, algumas estavam muito bem adaptadas à vida escolar, porque já passaram por creches ou por outros ambientes, outros não, alguns pais traziam essa ideia de que escola infantil é para brincar e a gente teve que trabalhar o contexto dos pais, da família e Graças a Deus a gente tinha uma linha de afeição também né, entre a professora, as crianças e a família. A gente não teve nenhum problema, muito pelo contrário, eu to tendo problema agora, porque eles estão com medo de ser outra pessoa no próximo ano, e que não consiga atingir o mesmo nível de afeto né, de afeição”.

Compreende-se pelos relatos da Profa VI que a relação família e escola foi algo de grande relevância durante o ano letivo da turma. A partir da família a Profa VI pôde conhecer como era o contexto social da criança, se ela já havia estudado em alguma escola anteriormente, como aquelas famílias percebiam a escola, da ligação afetiva formada entre família, professor e alunos, entre outros fatores também importantes. Observa-se que existiu uma preocupação da professora em conhecer e compreender o contexto familiar das crianças, para melhor trabalhar com elas durante o ano.

Vê-se que ao contrário da Profa III, essa professora construiu uma boa relação entre família e escola. Existindo ao final do ano, até mesmo, a preocupação com a mudança de professora na série do ano seguinte. Em comparação com as outras professoras, apesar de algumas terem uma boa relação com a família de seus alunos, a Profa VI procurou conhecer e estabelecer um vínculo afetivo com as famílias das crianças, para poder trocar informações e explicar os principais aspectos e função da educação infantil.

Percebe-se assim, que o diálogo na relação família e escola é um indicador fundamental de qualidade da afetividade na educação infantil, por esses serem os contextos em que a criança transita diariamente, os locais onde ela forma suas amizades, seus vínculos afetivos, onde ela passa por dificuldades, onde problemas são resolvidos e onde se sente mais acolhida.

3.4 - Atenção Individualizada a cada aluno

Para que o professor possa se envolver com a criança afetivamente conhecendo melhor suas individualidades, subjetividades e percebendo o que ela necessita para ter uma aprendizagem mais significativa, o professor precisa ter uma atenção individualizada e de qualidade com seu aluno (ZABALZA, 1998).

Ao ser questionada sobre atenção individualizada a Profa I responde que:

“O professor tem que ter esse momento, mas tem que se policiar nisso. Tem criança que você tem que ter o momento só com ela, a atenção individualizada pra ela, o carinho por ela, mas também não se esquecer que você tem uma sala, que você rege uma sala que não só tem um aluno, mas tem vários. Eu do o carinho individual no momento em que os outros estão fazendo, eu do a atenção individual a essa criança, mas não me esquecendo dos outros. Eu me atento a essa daqui, as necessidades que essa tem, mas também não me esqueço de que os outros estão ali. Então, é individual, mas não tão individual, é ali meio termo. Eu do atenção, eu converso, eu do carinho, afeto, mas também não se esquecendo para que os outros não se sintam também desprotegidos na afeição do professor. O professor também tem que ter esse jogo de cintura. Tanto nem lá nem cá, meio termo. Em cima do muro, amo todos”.

Observa-se a preocupação da professora em manter uma atitude equilibrada na atenção dada aos alunos. Para ela isto é necessário porque os alunos percebem e sentem quando o professor dá mais atenção a um do que ao outro. É pertinente a observação de Mendonça e Tavares (2008, p. 01) quando dizem que “faz-se necessário ampliar o olhar do profissional de Educação Infantil no sentido de que ele reconheça que as crianças têm necessidades de atenção, carinho e segurança, sem os quais elas não sobrevivem”.

Mas, também é importante o professor saber o momento certo para dar esse tipo de atenção, pois vão existir crianças que necessitam de mais “exclusividade” do que outras. Sendo necessária uma atenção, uma sensibilidade maior do professor para perceber isso.

A percepção da Profa IV sobre atenção individualizada ao aluno, surgiu ao ser questionada sobre como agia em relação a afetividade na sala de aula:

“A experiência mostra que quanto mais tranquila, calma, amorosa e paciente for com o aluno, mais ele vai aprender, então quando uma criança não está aprendendo o comando para realizar uma atividade, o que eu faço, eu a chamo para

sentar perto de mim e explico pausadamente, só se ele falar que entendeu para eu deixar ir. Assim, eu procuro ser o mais atenciosa possível, se for o caso de pegar na mão a gente pega, mas eu sou muito de deixar a criança independente, converso com ela e falo “agora você continua, você é capaz”, então assim, eu do essa autonomia para a criança, acredito no potencial deles e eles crescem, se desenvolvem muito”.

Percebe-se que Profa IV tem consciência ao acreditar na criança e ajudá-la a construir sua autonomia, sendo esses aspectos de grande importância para o desenvolvimento do aluno. A professora também relata que quando percebe que uma criança não compreende o que foi pedido na atividade, dá uma atenção especial ao ajudar o aluno até que ele aprenda. Isso demonstra uma atenção individualizada a professora com relação ao seu aluno.

A professora também demonstra compreender, que quanto mais amorosa, calma, tranquila e paciente for, melhor o aluno irá aprender e se desenvolver. Essas características do professor da educação infantil são básicas para estabelecer um vínculo entre adulto-criança. Sendo a cordialidade, proximidade e originalidade do educador, aspectos fundamentais da prática do educador da educação infantil (ZABALZA, 1998).

A necessidade de atenção individualizada ao aluno esteve muito presente entre as professoras nas entrevistas, no caso da Profa V não foi diferente:

“Bom, eu acho que é exatamente nisso que eu to te falando, quando aparece uma situação eu chamo, eu converso, eu faço assim, vejo como que a criança vê que eu tenho preocupação com ele, tem muitos casos aqui que a crianças chegam e falam as coisas “ah, mas a minha mãe” e eu respondo “a, mas a sua mãe se preocupa com você do mesmo jeito, cada um tem um modo diferente de amar, mas cada um ama do seu jeito” então assim, pra mim eu faço com que eles se sintam no lugar no outro, eu trabalho muito isso”.

Ao falar da relação afetiva que tem com seus alunos, a Profa V diz que chama, conversa e explica a criança que se preocupa com ela. Ao ter essas atitudes a Profa V, mostra ao aluno que ele é importante, demonstrando assim uma atenção individualizada àquela criança. Ao se sentir protegido e amado o aluno tem melhores condições de desenvolvimento em sua aprendizagem. Sobre esses aspectos o MEC diz que:

A criança é um ser social que nasce com capacidades afetivas, emocionais e cognitivas. Tem desejo de estar próxima às pessoas e é capaz de interagir e aprender com elas de forma que possa compreender e influenciar seu ambiente. Ampliando suas relações sociais, interações e formas de

comunicação, as crianças sentem-se cada vez mais seguras para se expressar, podendo aprender, nas trocas sociais, com diferentes crianças e adultos cujas percepções e compreensões da realidade também são diversas (BRASIL, 1998, p. 22).

No depoimento da Profa VI sobre como ela age em sala de aula para que a afetividade aconteça, também são encontrados aspectos da atenção individualizada ao aluno:

“Bom, primeiro eu respeito muito a individualidade deles, o tempo deles, o ritmo que eles tem, o que eles trazem de conhecimento de casa, o conhecimento que eles trazem do dia a dia deles, e eu acho assim que o respeito a individualidade é o primeiro ponto, e a partir do momento que você conhece a individualidade do aluno sabe aonde que a questão da afetividade vai influenciar, onde você vai ter que trabalhar com mais afeto, o que pra mim já é natural né, você vai ter que se apegar mais a família, interferir mais no cotidiano daquele aluno dentro do ambiente escolar para depois que você conhece e respeita a individualidade começa a trabalhar em grupo, com convivência, sabendo as regras, a questão social, porque ele se sentindo respeitado, ele vai aprender a respeitar também”.

A Profa VI fala sobre o respeito à individualidade, ao tempo e ao ritmo de cada aluno. Dessa maneira o educador também demonstra atenção individualizada a criança. Ao procurar saber o que a criança já traz de aprendizado de sua casa, ao conhecer melhor sua família, ao agir com afeto em sala de aula, a Profa VI transmite que se preocupa e deseja que aquele aluno tenha um aprendizado integral e de qualidade.

Entende-se, que a atenção individualizada ao aluno, é um indicador que tem a capacidade de englobar todos os outros indicadores de qualidade da afetividade na educação infantil propostos. Pois, se o professor em sua prática pedagógica tem uma relação de qualidade com seus alunos, uma escuta sensível e uma relação com suas famílias certamente estará dando uma atenção individualizada de qualidade à criança. Demonstrando que está preocupado com a subjetividade, com a formação integral, com a autonomia e com o melhor desenvolvimento do aluno. Dessa forma ele estará tendo uma relação afetiva de qualidade no contexto da educação infantil.

3.5 – Visão das professoras sobre afetividade e qualidade no contexto da educação infantil.

Observou-se nas análises das entrevistas, por meio dos Indicadores de Qualidade da Afetividade na Educação Infantil, que as professoras têm uma prática pedagógica afetiva e em muitos aspectos também de qualidade. Mas, buscou-se analisar também o que elas conhecem/sabem sobre a função, qualidade e afetividade desse contexto. Assim, algumas perguntas foram realizadas as professoras entrevistadas com o intuito de descobrir essas questões.

Às professoras da escola particular foram feitas as perguntas:

QUADRO IV - “Para você qual a função da educação infantil?”

Síntese da resposta: Profa I	Síntese da resposta: Profa II
Educar a criança; Mostrar o caminho que ela deve seguir, rumos diferentes; Criança – necessita aprender, se amada; assimilar o ensinado; Educar ↔ amor	Coordenação motora; Carinho, respeito e amor com as crianças.

Observam-se semelhanças nas respostas das professoras, ao falarem que uma das funções da educação infantil é o amor e o carinho às crianças. Na percepção da Profa I, educar é sinônimo de amar. Ambas reconhecem o papel da afetividade na educação infantil identificada como uma necessidade da criança que precisa aprender tanto quanto receber amor e carinho. Tudo indica que esse amor dá suporte à sua prática pedagógica. Tal percepção faz sentido principalmente quando se trabalha com os pequenos. Concorde-se com a argumentação de Mendonça e Tavares (2008, p. 01) que “com base na afetividade a criança desenvolve a autonomia e a inter-relação com o ambiente e com as pessoas que a envolve construindo um conhecimento global, altamente progressivo”.

A Profa II também apontou como fundamental na educação infantil, o desenvolvimento da coordenação motora e a Profa I o aprendizado de conteúdo. De certa forma, há uma tendência para o pensamento mais escolarizado das funções da educação infantil, vez que não houve referência ao lúdico. Contudo, não dá para saber se a necessidade de aprender referida inclui ou não o aprendizado por meio do lúdico. Ainda que não diretamente explícito, vê-se que essas professoras compreendem que afeto e cognição são inseparáveis. Ou melhor, que ambos fazem presentes na educação infantil. Portanto, ambos os aspectos precisam estar integrados no planejamento diário

de atividades em sala de aula. Conforme La Taille (1992, *apud* KRUEGER, 2002, p. 05) “tanto a emoção quanto a inteligência são importantes no processo de desenvolvimento da criança, de forma que o professor deve aprender a lidar com o estado emotivo da criança para melhor poder estimular seu crescimento individual”. Merece destaque a resposta da Profa I, que cabe a educação infantil mostrar o caminho e rumos diferentes para a criança, aspecto relacionado aos valores que necessitam serem ensinados aos alunos e, portanto, espera-se que estejam presentes no currículo da instituição.

QUADRO V – “O que você entende sobre qualidade na educação infantil?”

Síntese da resposta: Profa I	Síntese da resposta: Profa II
Depende – aluno, professor, colégio e escola. Sendo mais o professor e o colégio para dar condições para o aluno aprender; Criança – carinho e dedicação; Qualidade – o professor dar o melhor dele para a criança aprender, assimilar e ter aconchego, doar do professor; Escola e professor – apoio, porto seguro, segurança.	Passar o conteúdo da melhor forma; Coordenação motora; Lúdico; Histórias; Músicas; Dança; Brincadeiras.

Aspectos do Currículo.

As respostas das duas professoras foram similares. Contudo, a Profa II enfoca mais no aprendizado de conteúdo. Já a primeira professora mostrou maior consciência em sua resposta: se trabalhar as condições para o aluno aprender. Acrescentou, também, que o professor tem que dar o melhor de si para a criança ter: aconchego, carinho, afeto, dedicação, apoio e segurança. Aspectos relevantes no criar as condições para o aprendizado, e desenvolvimento da criança e, portanto, da qualidade da educação infantil. Nesse caso, percebe-se que a professora tem uma visão parecida sobre afetividade, qualidade e a função da educação infantil, pois, não soube separar ou relacionar os conceitos de cada um dos assuntos.

Já a Profa II, percebe a qualidade como um aspecto curricular, onde o professor deve transmitir o conteúdo da melhor forma, utilizando de diversos métodos (história, dança, brincadeiras...) para o desenvolvimento do aluno. É possível compreender que as professoras não tem conhecimento teórico sobre a temática qualidade no contexto da educação infantil.

Sobre a qualidade Sousa (1998, p. 04) diz que:

(...) a qualidade em educação infantil é, antes de tudo, a criação de condições necessárias para que a criança efetivamente se desenvolva, aprenda e caminhe na direção da autonomia e do exercício pleno da cidadania, com alegria e prazer. A qualidade se traduz em oportunidades diversificadas para que cada criança cresça, aprenda e se desenvolva a partir da nossa interferência criteriosamente planejada e desenvolvida e permanentemente avaliada. Isto inclui, entre outros, o entendimento, a consideração e o respeito à criança e ao seu mundo, à sua maneira própria de ser, de sentir, de perceber e de se relacionar consigo mesma, com as demais pessoas e com o mundo mais amplo ao seu redor, sem perder de vista a sua individualidade e a sua historicidade humana e sócio-cultural.

A autora esclarece que a qualidade na educação infantil é tudo que crie condições fundamentais para o desenvolvimento e aprendizagem da criança. Não só restringindo apenas ao currículo, aspectos afetivos, ambientais, contexto histórico, entre outros. A qualidade engloba todos os elementos, considerando a subjetividade do aluno, e deve ser construída e renovada, diariamente, pelos profissionais da escola e em especial o professor.

QUADRO VI – “Qual sua opinião sobre afetividade na prática pedagogia?”

Síntese da resposta: Profa I	Síntese da resposta: Profa II
Amor, carinho, segurança; Aprender melhor e assimilação;	Carinho, afeto; Abraçar, pedir desculpas;

Vê-se que ambas as professoras percebem a afetividade na prática pedagógica como dar amor e carinho as crianças. Ainda que as respostas não foram dadas de modo mais elaborado, ambas destacam elementos positivos das relações interpessoais destacados por autores diversos. Conforme esclarece Krueger (2002, p. 08) a afetividade no contexto da educação infantil é o “estabelecimento de relações interpessoais positivas, como aceitação e apoio, possibilitando assim o sucesso dos objetivos educativos”. A relação entre afetividade e aprendizagem foi explicitada pela Profa I, ao relacionar aspectos afetivos com o assimilar e o aprender melhor, na criança.

Na visão dessa professora a afetividade está associada ao ensinar os alunos a se abraçarem e pedir desculpas quando preciso for. Esses são elementos importantes, para que a criança aprenda sobre os valores e, também, a se colocar no lugar do outro, estando o afeto presente nessa prática. Porque, a criança não sabe dominar seus sentimentos, e a sua exteriorização é muito mais impetuosa, sincera e involuntária do que no adulto. (KRUEGER, 2002)

Percebeu-se que as perguntas realizadas as duas professoras da escola particular, poderiam de algum modo estar influenciando suas respostas. Desse modo, na escola pública, as perguntas foram reformuladas, mas continuaram com o mesmo objetivo. Então foram propostas às professoras as seguintes questões para conhecer a visão delas sobre a função, afetividade e a qualidade no contexto da educação infantil:

QUADRO VII - *“Temos uma situação hipotética em que há duas crianças da mesma faixa etária, uma frequenta a educação infantil e a outra não. O que você poderia falar sobre cada uma delas?”*

Síntese da resposta: Profa III	Síntese da resposta: Profa IV	Síntese da resposta: Profa V	Síntese da resposta: Profa VI
Socialização; Desenvolvimento; Percepção dos espaços temporais; Adaptação; Rotina escolar.	Socialização; Coordenação; Não fica alheia.	Saber dividir; Convivência; Respeito; Troca de experiências.	Desenvolvimento; Psicomotricidade; Coordenação; Equilíbrio.

De forma indireta, a questão proposta identifica um pouco da visão das professoras sobre a função da educação infantil. Duas delas destacaram ser esta a de ensinar o aluno a se socializar, duas destacaram o desenvolvimento e uma falou que é a trocar experiências. Esses fatores são identificados como: relações que a criança tem com o outro, sendo esse um aspecto da afetividade. O que colabora para a construção do conhecimento, que se dá por meio de interações mediadas por várias relações entre a criança e outros sujeitos, dentre eles o professor, que tem um papel fundamental nessa construção (BORBA E SPAZZIANI, 2007).

As professoras revelaram ter consciência da contribuição da educação infantil para o desenvolvimento da criança. Sendo que aspectos da: coordenação motora, equilíbrio e psicomotricidade foram destacados por uma das professoras. Esses são elementos que fazem parte do desenvolvimento cognitivo do sujeito, que é indissociável da afetividade.

A Profa III lembrou que na educação infantil é importante se pensar na adaptação da criança a escola e também na rotina escolar. Esses são aspectos que possuem relação entre si, por ser, muitas vezes, a adaptação da criança na escola o reflexo da construção de uma rotina em sala de aula. Concordando-se ao sentido dado à rotina Zabalza (1998, p. 52) diz que:

As rotinas desempenham, de uma maneira bastante similar aos espaços, um papel importante no momento de definir o contexto no qual as crianças se movimentam e agem. As rotinas atuam como organizadoras estruturais das experiências cotidianas, pois, esclarecem a estrutura e possibilitam o domínio do processo a ser seguido e, ainda, substituem a incerteza do futuro (principalmente em relação às crianças com dificuldade para constituir um esquema temporal a médio prazo) por um esquema fácil de assumir. O cotidiano passa, então, a ser algo previsível, o que tem importantes efeitos sobre a segurança e a autonomia.

Segurança e autonomia relacionam-se com a afetividade e criam melhores condições para a criança explorar o ambiente e saber que após determinada atividade, tendo menos incertezas sobre o futuro imediato, o que garante uma melhor adaptação ao contexto escolar, bem como ajuda em seu desenvolvimento e aprendizagem.

QUADRO VIII - *“No contexto da educação infantil um tema muito discutido é a qualidade. O que você entende sobre qualidade?”*

Síntese da resposta: Profa III	Síntese da resposta: Profa IV	Síntese da resposta: Profa V	Síntese da resposta: Profa VI
Socialização; Interação entre as crianças; Respeito às regras do convívio social.	Alfabetizar; Socializar.	Ensinar através do brincar.	Trabalhar as questões de desenvolvimento ligadas ao afeto e a proximidade.

Observa-se que duas professoras percebem como qualidade na educação infantil a socialização que acontece no ambiente escolar. Visão bem similar às respostas sobre a função da educação infantil, mas longe do que a literatura discute sobre o tema.

Outra professora percebe a qualidade da educação infantil no alfabetizar a criança. Entretanto, a educação infantil, apesar de também contribuir no aprendizado de letras, números e sílabas, não tem como foco esses aspectos.

Já no caso da Profa V, essa qualidade está no ensinar através do brincar. Talvez o seu pensar não seja tão reducionista, mas aqui a função do brincar está limitada. Sendo o brincar um elemento fundamental na educação infantil, pois este é o elemento central para o desenvolvimento da criança. Na brincadeira da criança, está contida a realização de seus desejos e a expressão de suas angústias e pensamentos. Sendo esta, um meio do professor perceber a individualidade do aluno, o que ele necessita e sente (VYGOTSKY, 2008).

Já a Profa VI, percebe a qualidade como trabalhar o desenvolvimento por meio das relações afetivas. Compreende-se que ela tem consciência da importância da afetividade nesse contexto. Porém, tanto essa professora, quanto as outras tenderam a limitarem a visão da qualidade a outro aspecto, sem referência a seu todo. Esta não engloba apenas um, mas todos os elementos da instituição como, currículo, prática pedagógica, relação professor-aluno, entre outros, também sua avaliação e construção diária.

QUADRO IX - “Se uma pessoa fora do contexto escolar perguntasse a você, o que é afetividade no contexto da educação infantil. O que você responderia?”.

Síntese da resposta: Profa III	Síntese da resposta: Profa IV	Síntese da resposta: Profa V	Síntese da resposta: Profa VI
A forma como você trata a criança e como ela recebe emocionalmente o que é trabalhado com ela.	A influência e o laço de afetividade que a professora tem com os alunos.	O cuidar; O preocupar; O cuidar do outro.	O apego; A segurança; Confiar no professor; Confiar na escola; Aprender com as brincadeiras.

Talvez essa tenha sido a simulação hipotética que mais identificou o pensamento das professoras. Elas se referiram a elementos objetivos do dia-a-dia da sala de aula tais como: o modo como se trata a criança, a sua percepção emocional disso, o cuidar, o apego, a segurança, a confiança. Merece destaque a visão da Profa IV no sentido de consciência da sua influência e laço de afetividade junto aos alunos. Tudo isso referido pelas professoras integra a afetividade, suas funções e relações, conforme explicitado por Wallon (1975, *apud* BORBA E SPAZZIANI, 2007, p. 14) diz que:

(...) a afetividade desempenha um papel fundamental na constituição e funcionamento da inteligência, determinando os interesses e necessidades individuais, possibilitando avanços progressivos no campo intelectual, ou seja, para ele, são os motivos, necessidades, desejos que dirigem o interesse da criança para o conhecimento e conquista do mundo exterior. Desta forma, faz-se necessária a conscientização do professor quanto ao seu importante papel na relação com os alunos: é o principal mediador em sala de aula, é quem planeja as aulas, organiza todos os espaços, disponibiliza materiais, promove e participa das brincadeiras, mediando à construção do conhecimento.

Considerando que o tratar o aluno, o cuidar, o apego e outros foram referidos tendo em vista o contexto da educação infantil, é muito provável que as professoras

identifiquem-se como importantes mediadoras no desenvolvimento da afetividade. Como ressaltado, a afetividade é fundamental na constituição do sujeito. Por isso na educação infantil o professor tem um importante papel em sua relação com os alunos e na maneira como faz a mediação com eles, para que possa colaborar de forma positiva para a construção do conhecimento da criança.

Logo, ao analisar as respostas das professoras entrevistadas com relação a seus pontos de vista sobre a função, qualidade e afetividade no contexto da educação infantil. Percebe-se que elas tendem a limitar a visão sobre o aspecto da qualidade na educação infantil. Entendendo que elas não possuem embasamento teórico sobre essa temática.

É perceptível também que a compreensão sobre a afetividade das professoras está relacionada ao dia-a-dia na sala de aula, percebendo-a como o apego, as relações afetivas entre professor-aluno, o carinho, o cuidar e outros. Entretanto a maioria das professoras, não cita a afetividade em outros aspectos da educação infantil, como por exemplo na relação família-escola.

Assim, a qualidade e o afeto estão vinculados a todos os elementos da educação infantil. Sejam eles, físicos, emocionais, cognitivos, motores, estão até mesmo na maneira como o ambiente escolar é planejado para acolher a criança. Propondo assim, que os professores, juntamente com a instituição escolar tenham um olhar mais atento a esses fatores, e se mantenham atualizados sobre os mesmos. Porque ao se unirem a favor desse ideal, a escola terá mais qualidade e seus alunos terão uma formação integral, onde se procura desenvolver o autoconceito, a autoestima e a autonomia da criança.

CAPÍTULO 4

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os dados da pesquisa aqui relatada evidenciaram que na dinâmica de sala de aula da maioria das professoras, vê-se a presença dos Indicadores de Qualidade da Afetividade na Educação Infantil propostos nesse trabalho. Entretanto, no que se refere ao conceito de qualidade e afetividade, tudo indica, de uma maneira geral, uma visão do senso comum. Pelas professoras desconhecerem os aportes teóricos dessas temáticas.

Com relação aos Indicadores, é necessário lembrar que estes, apenas são considerados de qualidade quando utilizados integrados e sem hierarquia, pois todos são importantes em si. E apenas a utilização deles em conjunto que irá fazer com que a instituição seja de qualidade.

Vale avisar também, que como a pesquisa foi realizada a partir do discurso das professoras, seria interessante e pertinente um aprofundamento para verificar se o que foi observado pode ser comprovado na prática em sala de aula. É importante ressaltar a complexidade ao realizar uma pesquisa, podendo ser necessário, como foi o caso, melhorar os instrumentos, o método de investigação e a coleta de dados.

De modo, que é imprescindível que o profissional da educação infantil esteja sempre atualizando seus conhecimentos, para que possa melhorar sua prática em sala de aula, perceber o que seu aluno necessita e proporcionar a ele uma educação infantil de qualidade. E assim poderá entender que sem afetividade não existiria a educação, pois esta faz parte do sujeito em sua constituição. Desse modo, afeto e cognição são inseparáveis, conforme apresentam Borba e Spazziani (2007, p. 02):

(...) a afetividade é fator fundamental na constituição do sujeito. É entendida como instrumento de sobrevivência do ser humano, pois corresponde à primeira manifestação do psiquismo, propulsiona o desenvolvimento cognitivo ao instaurar vínculos imediatos com o meio social, abstraindo deste o seu universo simbólico, culturalmente elaborado e historicamente acumulado pela humanidade. Por conseguinte, os instrumentos mediante os quais se desenvolverá o aprimoramento intelectual são, irremediavelmente, garantidos por estes vínculos, estabelecidos pela consciência afetiva.

É por meio da afetividade que ocorrerão aprendizados significativos no contexto escolar. E a qualidade dessa afetividade cria condições para que haja melhor aprendizado e desenvolvimento da criança. E assim proporcionar ao aluno da educação infantil uma formação integral, para que ele possa utilizar o que aprendeu nos anos escolares seguintes e também em sua vida.

PARTE 3

PERSPECTIVAS FUTURAS

PERSPECTIVAS FUTURAS

Como o tempo passou rápido. Concluir hoje a minha graduação na tão bem-conceituada UnB encerra mais um ciclo de minha vida e dá início a outro. A partir desse momento pretendo começar uma nova etapa e correr atrás de mais sonhos.

Inicialmente, esperarei a Secretaria de Educação do Distrito Federal, me convocar para a vaga de professor temporário, pois, passei no concurso. Em seguida, estudarei para outros concursos públicos e com muito esforço e dedicação, tenho fé, que conseguirei passar em algum. Dou ênfase a isso, porque com a estabilidade de um emprego público, poderei ir atrás de outros sonhos e ampliar meus conhecimentos.

Tenho a pretensão de fazer uma pós-graduação, um mestrado e um doutorado. Todos eles envolvidos com a educação, a psicologia, a afetividade, o lúdico, a criatividade e as relações humanas. Quero alcançar esses objetivos para, de alguma forma poder colaborar com a melhora da educação em nosso país.

Não posso esquecer-me, que durante a caminhada da vida poderão aparecer variadas oportunidades de emprego, mudanças e estudo. E claro, também vou me permitir dizer sim ou não a essas oportunidades que só o futuro poderá dizer o que virá daqui para frente. Porque muitos planos e perspectivas existem, agora é necessário um trabalho árduo e contínuo para alcançar esses novos projetos de vida.

REFERÊNCIAS

ALENCASTRO, Clarice Escobar de. **As relações afetivas na educação infantil**. 2009. (Trabalho de Conclusão de Curso). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação. Porto Alegre, 2009.

ARANTES, Valéria Amorim. **Afetividade na escola: alternativas teóricas e práticas**/ São Paulo: Summus, 2003. (Coleção na escola; alternativas teóricas e práticas)

ARCE, Alessandra. **Documentação Oficial e o Mito da Educadora Nata na Educação Infantil**. Araraquara: Universidade Estadual Paulista. Cadernos de Pesquisa, 2001. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/%0D/cp/n113/a09n113.pdf> > Acesso em: 15 janeiro 2013.

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1973.

BORBA, Valdinéia R. S. SPAZZIANI, Maria de Lourdes. **AFETIVIDADE NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO INFANTIL**. SEE – São Paulo, 2007.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretária de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**/ Secretária de Educação Básica. Brasília, MEC, SEB, 2010.

_____. **Indicadores da Qualidade na Educação Infantil** / Ministério da Educação/Secretaria da Educação Básica – Brasília: MEC/SEB, 2009.

_____. **Lei de Diretrizes de Bases da Educação Nacional (LDB)**. Lei Federal nº 939496, de 26 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. – 6. ed. – Brasília : Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2011.

_____. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil** /Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. — Brasília: MEC/SEF, 1998 3v.: il.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica – **Parâmetros Básicos de Infra-Estrutura para instituições de educação infantil**. Brasília: MEC, SEB, 2006a.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica - **Parâmetros nacionais de qualidade para a educação infantil** /Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica – Brasília. DF, v.1, 2006b.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica - **Parâmetros nacionais de qualidade para a educação infantil** /Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica – Brasília. DF, v.2, 2006c.

_____. **Plano Nacional de Educação.** Brasília: Câmara dos Deputados, Coordenação de Publicações, 2002.

CERQUEIRA, Teresa Cristina Siqueira. **(Con)Texto em escuta sensível** / Elane Mayara Sousa, Leonília de Souza Nunes, Maria de Fátima Guerra de Sousa. Maruza Bastos de Oliveira; organização de Tereza Cristina Siqueira Cerqueira – Brasília: Thesaurus, 2011. 198 p.

CERQUEIRA, Teresa Cristina Siqueira. NUNES, Leonília de Souza. SOUSA, Maria de Fátima Guerra. Escuta sensível do professor no contexto da educação infantil. *In: (Com)Textos em escuta sensível* / / Elane Mayara Sousa, Leonília de Souza Nunes, Maria de Fátima Guerra de Sousa. Maruza Bastos de Oliveira; organização de Tereza Cristina Siqueira Cerqueira – Brasília: Thesaurus, 2011. 198 p.

FRABBONI, Franco. A Escola Infantil entre a Cultura da Infância e a Ciência Pedagógica e Didática. *In: ZABALZA, Miguel A. Qualidade em Educação Infantil*; tradução Beatriz Affonso Neves – Porto Alegre: Artmed, 1998.

KRAMER, Sônia. **As crianças de 0 a 6 anos nas políticas educacionais no Brasil: Educação Infantil e Ensino Fundamental.** Educ. Soc., Campinas, vol. 27, n. 96 - Especial, p. 797-818, out. 2006. Disponível em <<http://www.cedes.unicamp.br>> Acesso em, 24 janeiro 2013

KRUEGER, Magrit Froehlich. **A Relevância da Afetividade na Educação Infantil.** Santa Catarina: Instituto Catarinense de Pós-Graduação e Associação Educacional Leonardo da Vinci, 2002. XX p. Disponível em: <<http://www.posuniasselvi.com.br/artigos/rev03-04.pdf>> Acesso em: 18 julho 2012.

KUHLMANN JR, Moysés. **Histórias da Educação Infantil Brasileira.** Revista Brasileira de Educação - Fundação Carlos Chagas, Porto Alegre, 2000.

MENDONÇA, Maria Alice. TAVARES, Helenice Maria. **Afetividade: O fio condutor na educação infantil.** – Uberlândia: Faculdade Católica de Uberlândia, 2008. XII p.

MODOLO, Camila Pilastri. **A gestão escolar democrática participativa e a ação docente.** 2007. (Trabalho de Conclusão de Curso) – Faculdade de Ciências, Universidade Estadual Paulista, Bauru, 2007.

NUNES, Leonília de Souza. **Escuta sensível do professor: uma dimensão da qualidade da educação infantil.** 2009. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de Brasília, 2009.

PANIAGUA, Gema. PALACIOS, Jesús. **/Educação Infantil: resposta educativa à diversidade.** Tradução: Fátima Murad. – Porto Alegre: Artmed, 2007. 256 p.

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa Social: métodos e técnicas.** 3. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

SALTINI, Cláudio J. P. **Afetividade & inteligência**. Rio de Janeiro: DPA, 1997.

SOUSA, Maria de Fátima Guerra de. **Educação infantil**. / Maria de Fátima Guerra de Sousa. – Brasília: Universidade de Brasília, 2007. XX p.

_____. **Educação infantil: os desafios da qualidade na diversidade**. Sesi/DN. Agosto, 1998.

TRABALHOS ACADÊMICOS: Normas da ABNT. Disponível em: <<http://www.firb.br/abntmonograf.htm>>. Acesso em: 03 julho 2012.

VALLE, Luciana Rocha de Luca Dalla. / **Fundamentos da educação infantil**. Curitiba: Editora Fael, 2010. 98 p.

VYGOTSKY, L. S. **A brincadeira e o seu papel no desenvolvimento psíquico da criança**. Revista Virtual de Gestão de Iniciativas Sociais (artigo), 2008. Disponível em: <http://xa.yimg.com/kq/groups/32960205/729519164/name/artigo+ZOIA+PRESTES.cg-.pdf>> Acesso em: 28 janeiro 2013.

VYGOTSKY, L. S. **A educação do comportamento emocional**. In: *Psicologia Pedagógica: edição comentada*. Porto Alegre: Artmed, 2003.

ZABALZA, Miguel A. **Qualidade em Educação Infantil**; tradução Beatriz Affonso Neves – Porto Alegre: Artmed, 1998.

WALLON, Henri. **A evolução psicológica da criança** / Henri Wallon; com introdução de Émille Jalley; tradução Claudia Berliner; revisão técnica Izabel Galvão – São Paulo: Martins Fontes, 2007.

APÊNDICE

1. Identidade

II – Sexo: _____ II – Idade: _____

2. Formação

a. Magistério () Sim () Não. Outro curso: _____ Ano de Conclusão: _____

b. Pedagogia () Sim () Não. Outro curso: _____ Ano de Conclusão: _____

c. Pós-Graduação () Sim () Não. Área: _____

Ano de Conclusão: _____

d. Especialização () Sim () Não. Qual curso: _____ Ano de Conclusão: _____

d. Mestrado () Sim () Não. Qual: _____ Ano de Conclusão: _____

e. Outro: _____

3. Experiência

e. Sempre trabalhou com Educação Infantil: () Sim () Não

f. Tempo de trabalho na Educação Infantil: _____

g. Turma com que trabalha atualmente: _____

h. Número de crianças: _____

i. Idade média das crianças: _____

j. Tem auxiliar: () Sim () Não

l. Escola: () Pública () Particular

m. Localização da escola (Região Administrativa): _____

Roteiro - Entrevista Semi-Estrurada

Temas que devem ser apresentados aos professores e sugestões de perguntas

“Afetividade como fator de Qualidade na Educação Infantil: Visão de Professores”

1 – Uma situação: Temos duas crianças da mesma idade, uma frequenta a educação infantil e a outra não, quais as diferenças que uma vai ter em relação a outra? (Para você qual é a principal função da Educação Infantil?).

2 – No contexto da Educação infantil um tema muito falado e discutido é a qualidade. O que você entende sobre esse tema? A instituição onde você trabalha você considera de qualidade? O que você faria para melhorar a qualidade nessa escola? E na sua prática em sala de aula? Por quê?

3 – Se uma pessoa te perguntasse o que é afetividade no contexto da educação infantil, o que você falaria? Por quê? Como age para que isso aconteça em sua sala de aula? (Qual a sua opinião sobre a afetividade na prática pedagógica?)

4 – Como deve ser a relação afetiva entre professor e aluno?

5 – O que é qualidade para você?

6 – Como é a relação família escola na sua turma? Por quê?

7 – O que você sabe sobre escuta sensível?

8 – Você escuta seus alunos?

9 – Como você dá atenção aos seus alunos em sala de aula?

10 – Como você demonstra afeto a seus alunos na sala de aula?

11 – Qual a importância das atitudes afetivas no ensino-aprendizado das crianças?

12 – Contextualizar os professores ao perguntar:

- O que de fato se entende por afetividade.
- Se alguém encontrasse com você e perguntasse pra você, o que é afetividade no contexto da educação infantil?
- Sugerir se a instituição onde ela trabalha é de qualidade
- Falar que a qualidade é um tema muito falado no contexto da educação infantil, e perguntar o que ela entende.
- Perguntar o que ela faria para melhorar a qualidade na escola e na sala de aula.
- Colocar no contexto dela, como ela faria, por quê?

ANEXO

Caro (a) Professor (a)

Sou aluna do curso de pedagogia da Universidade de Brasília e estou fazendo uma pesquisa sobre a prática pedagógica na educação infantil, orientada pela professora Dra. Maria de Fátima Guerra de Sousa. Peço sua colaboração no sentido de responder às questões a seguir. Obrigada.

Professora I (Profa I)

1. Identidade

II – Sexo: **feminino** II – Idade: **39 anos**

2. Formação

a. Magistério () Sim (**x**) Não. Outro curso: _____ Ano de Conclusão: _____

b. Pedagogia (**x**) Sim () Não. Outro curso: _____ Ano de Conclusão: **irá concluir em 2013**

c. Pós-Graduação () Sim (**x**) Não. Área: _____

Ano de Conclusão: _____

d. Especialização () Sim (**x**) Não. Qual curso: _____ Ano de Conclusão: _____

d. Mestrado () Sim (**x**) Não. Qual: _____ Ano de Conclusão: _____

e. Outro: _____

3. Experiência

e. Sempre trabalhou com Educação Infantil: (**x**) Sim () Não

f. Tempo de trabalho na Educação Infantil: **15 anos**

g. Turma com que trabalha atualmente: **jardim I**

h. Número de crianças: **15 crianças**

i. Idade média das crianças: **4 anos**

j. Tem auxiliar: () Sim (**x**) Não

l. Escola: () Pública (**x**) Particular

m. Localização da escola (Região Administrativa): **Valparaíso - GO**

ENTREVISTA I

Pra você qual a principal função da educação infantil?

A principal função da educação infantil é educar a criança, mostrar a ela o caminho que deve seguir, e também mostrar novos rumos, porque assim, a criança é um ser que necessita de aprender e ser amada e o amar também é educar, é ensinar, ensinar vários caminhos, ensinar vários objetivos para que possamos alcançar o objetivo final, que é fazer com que a criança aprenda e assimile tudo aquilo que for ensinado a ela nesse período que ela passou nos estudos, estudando na educação infantil.

Então isso seria uma educação infantil de qualidade?

Sim, isso seria uma educação infantil de qualidade.

O que você entende de qualidade na educação infantil?

Depende dos dois lados, tanto o lado do professor, também do colégio, da escola em si como também do aluno. Sendo mais do professor e do colégio, porque o professor e o colégio necessitam dar ao aluno condições para que ele aprenda né, porque não é só pintar, dar uma folha, um lápis para a criança aprender, isso ajuda mas não é tudo, a criança precisa de carinho e de dedicação a ela. Então, a qualidade é o professor dar o melhor dele para a criança, para que ela aprenda, para que assimile, para ter o aconchego, porque ela sai do mundo que ela sempre viveu, do lado dos seus pais, do lado dos seus irmãos e vem para um mundo desconhecido. Se ela não tem um apoio, se ela não tem um porto seguro aqui, como ela vai poder ter uma qualidade de ensino se ela não tem uma segurança? Então a criança não aprende, ela não consegue assimilar as coisas que é dada a ela. Então a qualidade de ensino para a criança é ter o que, esse doar do professor, o professor se doar, para que a criança tenha aqui no colégio, tenha nesse ambiente novo em que ela está inserida, condições para aprender e continuar aprendendo, para mim essa é a qualidade de ensino.

Então isso seria uma forma de afeto ? Qual sua opinião sobre afetividade na prática pedagógica?

Sim, seria uma forma de afeto, porque quando a criança chega aqui, chega chorando, pois não conhece o professor, não conhece o novo ambiente em que está né, os novos coleguinhas. Então, quando ele chega o professor demonstra, dá esse primeiro passo de amor, de carinho, ela vai se sentir segura, ela vai aprender melhor, vai ter condições de aprender e ir aprendendo cada dia mais e ir assimilando e concluindo as coisas que está aprendendo. Vai entrando em um caminho que tem o final feliz, porque o professor ajuda, a escola também apoia, porque a escola também é um mecanismo que está ali ajudando junto com o professor, porque está ali auxiliando o trabalho dele, a escola ajuda dando os materiais, dar o apoio e o incentivo para o professor, e esse por si passa para o aluno, para ele também ter essa qualidade.

Então é importante ter uma prática pedagógica com afeto? E essa relação afetiva de aluno e professor, como você trabalha isso com os seus alunos?

Sim.

O professor e o aluno tem que manter essa relação, porque para a criança se sentir segura ,para que possa aprender, tem que haver essa afeição, mas também o professor tem que se policiar para não pegar demais a um aluno e esquecer dos outros, porque também tem essa vertente né, o professor se apega demais a um e acaba esquecendo dos outros, então o professor tem que olhar todos os alunos com amor e não pode ter essa diferenciação, o professor ama esse e ama todos. Eu tinha uma aluna que me amava muito e chegava pra mim e falava “ Quem você mais ama? “ e eu respondia “ eu amo todos” , pra mim não tem o melhor aluno, todos são os meus melhores. Se eu demonstrar afeição demais pra um é porque a criança é muito sensível, muito sensível. Ela sente, “a, a professora gosta mais dessa, a professora não gosta de mim”. Então, como o professor não policia isso, a criança começa a sentir, e começa a se entristecer, o aprendizado dela não vai evoluir, porque ela vai se sentir rejeitada, “ a minha professora não gosta de mim, ela me rejeita “ “ ela gosta mais do fulano do que de mim”. Então o professor tem que se policiar nisso, demonstrar afeição por todos, para não haver uma separação. Então o professor nivela tudo, deixa tudo nivelado, eu amo esse, eu amo aquele, eu amo todos! Então a afeição tem que ser abrangente para a sala toda, não só pra um em exceção, mas abrangente. É verdade que tem um certo momento que você

pode de certo se interessar mais por algum aluno ou por ele ser mais achegado, você então...demonstra, mas o professor tem que se policiar para não acontecer e a sala ou uma criança não perceber isso, pois pode ser muito prejudicial pra ela.

Mas falando de atenção em grupo, você acha importante uma atenção individualizada para cada aluno?

O professor tem que ter esse momento, mas tem que se policiar nisso. Tem criança que você tem que ter o momento só com ela, a atenção individualizada pra ela, o carinho por ela, mas também não se esquecer que você tem uma sala, que você rege uma sala que não só tem um aluno, mas tem vários. Eu do o carinho individual no momento em que os outros estão fazendo, eu do a atenção individual a essa criança, mas não me esquecendo dos outros. Eu me atento a essa daqui, as necessidades que essa tem, mas também não me esqueço de que os outros estão ali. Então, é individual, mas não tão individual, é ali meio termo. Eu do atenção, eu converso, eu do carinho, afeto, mas também não se esquecendo para que os outros não se sintam também desprotegidos na afeição do professor. O professor também tem que ter esse jogo de cintura. Tanto nem lá nem cá, meio termo.. Em cima do muro, amo todos.

E saber escutar o aluno, você acha isso importante, é uma maneira de demonstrar afeto e compreensão a ele?

O professor tem que escutar o aluno, porque o aluno traz vivencias de casa. Quando o professor está explicando a matéria, tem hora que o aluno quer conversar e falar de tudo “tia, aconteceu isso e aquilo”. Então eu acho que o professor tem que ter o momento de escutar o aluno sim, porque precisamos desse flashback, essa interação entre professor e aluno, tem que ter essa conversa, chega um momento da rodinha que nós temos que sentar e conversar, mesmo sem ter a rodinha, o professor tem que ouvir o aluno. Chegando na escola o aluno quer contar o que aconteceu em casa, o que vivenciou em casa.. “a tia, eu ganhei isso” ou “a, eu caí” “aconteceu isso na minha família”, então, ele quer passar isso para o professor, pois o professor agora faz parte da família dele. Tem horas que eles vão chamar pra conversar e acaba te chamando de mãe, e fala “eita, não é mãe não, desculpa” e no caso de chamar de tia “oi tia”. Então, você precisa ouvir os seus “filhos”, eles vêm com novidades, vem com assuntos que

você tem que dar atenção. Uma vez o aluno trouxe um assunto sobre violência que não era nada da aula, não tinha nada a ver, mas nós falamos sobre violência, tratamos um pouco a importância né, afeição sem violência, as vezes o coleguinha quer bater no outro né e não pode, então é ensinando isso para eles. É, ouvir o aluno é bom, claro que tem horas que a gente fala que é hora de ficar quietinho porque a tia vai explicar, porque senão eles querem falar a aula toda, tomar conta, ter o momento pra eles falarem sim, é preciso.. é necessário, porque eles tem que desabafar, tem que falar, tem que expor aquilo que eles estão guardando dentro de si, então quando o professor dá o momento para eles falarem, nossa.. eles falam, eles querem ser ouvidos e notados. E quando você os põe em ênfase, aí é que ele se sente astros, estrelas, rs. Então tem que dar essa atenção para eles, porque eles se sentem amados. Você professor dando ênfase para eles, eles se sentem muito amados, cada um deles, falando de algum trabalhinho, eles se sentem muito importantes. Isso pra eles é um máximo, então ouça, ouça seus alunos, escute porque isso é necessário para o aprendizado, para uma relação boa, é necessário que o professor escute os seus alunos.

Você falou da relação com a família, que eles trazem de casa, os assuntos e outras coisas. Como você trata essa relação, família e escola para que tenha o afeto entre tudo isso?

As mães dos alunos na minha classe por exemplo, eu tento colocar ele sempre a par do que acontece dentro da sala de aula, então quando o aluno traz as notícias dentro de casa, quando é algo delicado, eu tento trabalhar para não magoar a criança, para não deixar a criança envergonhada diante dos colegas, então eu converso com a família quando vem buscar a criança, tento tratar do assunto em si, se também caber a mim também, porque as vezes é coisa boba, coisas tão do cotidiano que não precisa. Agora, quando é uma coisa mais séria, que dá para eu tratar com os pais, já converso, chamo para conversar ou quando é meu horário de coordenação convido os pais para vim conversar, sobre a relação, o que está acontecendo, como o filho está se comportando, o que ele me trouxe, como está sendo o comportamento em casa, para que o colégio possa ajudar a criança, porque a criança é o nosso maior interesse, a criança em si é o foco do colégio, o foco do professor, mas também temo que focar na família, se a

família vai bem a criança vai bem, porque quando nos tratamos da criança, esse produto final ela tem que ser protegida tem que ser guardada.

Porque geralmente as escolas se esquecem das famílias né?

Sim né, a família tem que estar incluída no ambiente escolar, porque geralmente tem pai que em exceções coloca o filho na escola, e o professor que eduque, que ensine, professor que se vire e o problema é seu se o meu filho não aprendeu a culpa é sua, então deixa o filho por conta do colégio, e não é bem assim, o colégio tem o dever de ensinar o seu filho, o educar é com os pais, com a família. Agora se a criança não está conseguindo aprender, se comportar, aí sim o professor com a escola e a família tem que se unir para resolver o problema do aluno né, porque essa criança não está se enquadrando nos padrões, porque ela não está aprendendo e não está se comportando conforme tinha que ser. A família no caso tem que se integrar ao colégio, buscar, porque a criança precisa do auxílio da família, pois vive com a família. O colégio a criança vem estuda e depois volta para casa, e os finais de semana são da família. Então a família se integra para saber o porque.. “a, o meu filho não está aprendendo” . Então, vamos nos unir, pais, professores, diretores, para o bem do aluno, para ver o que está acontecendo, porque quando se unem o maior beneficiado é o aluno, ele que é o resultado final de tudo, se o problema está com ele temos que resolver juntos para que seja tudo solucionado.

Caro (a) Professor (a)

Sou aluna do curso de pedagogia da Universidade de Brasília e estou fazendo uma pesquisa sobre a prática pedagógica na educação infantil, orientada pela professora Dra. Maria de Fátima Guerra de Sousa. Peço sua colaboração no sentido de responder às questões a seguir. Obrigada.

Professora II (Profa II)

1. Identidade

II – Sexo: **feminino II** – Idade: **34 anos**

2. Formação

a. Magistério () Sim (**x**) Não. Outro curso: _____ Ano de Conclusão: _____

b. Pedagogia (**x**) Sim () Não. Outro curso: _____ Ano de Conclusão: **2007**

c. Pós-Graduação () Sim (**x**) Não. Área: _____

Ano de Conclusão: _____

d. Especialização () Sim (**x**) Não. Qual curso: _____ Ano de Conclusão: _____

d. Mestrado () Sim (**x**) Não. Qual: _____ Ano de Conclusão: _____

e. Outro: _____

3. Experiência

e. Sempre trabalhou com Educação Infantil: (**x**) Sim () Não

f. Tempo de trabalho na Educação Infantil: **4 anos**

g. Turma com que trabalha atualmente: **Maternal**

h. Número de crianças: **8 crianças**

i. Idade média das crianças: **3 anos**

j. Tem auxiliar: (**x**) Sim () Não

l. Escola: () Pública (**x**) Particular

m. Localização da escola (Região Administrativa): **Valparaíso - GO**

ENTREVISTA II

O que a educação infantil influencia na criança?

Olha, em primeiro lugar a coordenação motora né, respeito com as crianças, aquele carinho, o amor pelas crianças.

O que seria uma educação infantil de qualidade?

Passar o conteúdo da melhor forma para eles, não só em sala de aula mas também na quadra, no pátio da escola, coordenação motora, o lúdico que é o principal também, historinhas, músicas, dançar com eles, brincar com eles também.

E sobre afetividade, qual a sua opinião sobre a afetividade na prática pedagógica?

Olha, o que eu vejo é assim, que a professora tem que dar o carinho, o afeto pra eles, porque eles estão naquela fase que são crianças né, e por eles serem crianças, uns com os outros eles gostam de beliscar, morder um ao outro com as crianças, e a professora tem que passar isso pra eles que não é bem assim, passando carinho e se isso vier a acontecer, o aluno morder o outro, pedir para o aluno ir lá e abraçar, pedir desculpa, sempre que isso acontece em sala de aula com eles, eu peço “Vamos lá pede desculpa, dá um abraço”

E como deve ser a relação afetiva entre professor e aluno? Como você age?

Conversando muito com eles, dando carinho, explicando para eles que não é bem assim e quando eles fizerem alguma coisa de errado, passar só as coisas boas, o certo para eles, se fazer alguma coisa de errado, sempre procurar o certo né. Mostrar para eles o certo.

E você procura escutar seus alunos, dar uma atenção individualizada?

Sim, sim. Eu pergunto pra eles o que está acontecendo, porque ele está e tem dia que está mais agressivo, tem dia que não está agressivo, aí eles falam que é porque a mamãe brigou com eles ou colocou de castigo.

E você leva em consideração isso? Para utilizar na sua prática pedagógica?

Sim, claro. Quando eles chegam aqui, como eu te falei né, eles falam que a mamãe bateu, brigou ou o irmão bateu também né, e quando chegam aqui eles ficam

mais agitados, mais nervosos, aí o que acontece, eles descontam nos coleguinhas, morde, aperta né.

E a relação entre família e escola, você acha que isso colabora para uma relação de qualidade entre família e escola, interfere na afetividade na sala de aula?

Se interfere? Sim, a família ajuda bastante, principalmente na reunião de pais, os pais vêm na reunião e pergunta como está o andamento dos alunos, querem saber os projetos também da escola, como é que vai ser durante o semestre, bimestre né, e eles ajudam bastante. Eles querem sempre estar dentro para saber as tarefinhas, como vai ser o conteúdo no livro, o que a professora tá passando né.

Então você acha que tem que ter essa ligação?

Com certeza, entre família e escola. Essa relação é muito importante.

E eles passam muitas informações importantes para você?

Sim, passam, falam que o aluno em casa é quieto, aí perguntam se o aluno é quieto em sala de aula, se é bagunceiro. Ajudam muito.

Caro (a) Professor (a)

Sou aluna do curso de pedagogia da Universidade de Brasília e estou fazendo uma pesquisa sobre a prática pedagógica na educação infantil, orientada pela professora Dra. Maria de Fátima Guerra de Sousa. Peço sua colaboração no sentido de responder às questões a seguir. Obrigada.

Professora III (Profa III)

1. Identidade

II – Sexo: **feminino** II – Idade: **32 anos**

2. Formação

a. Magistério (☒) Sim () Não. Outro curso: Ano de Conclusão: **1994**

b. Pedagogia () Sim (☒) Não. Outro curso: Ano de Conclusão:

c. Pós-Graduação (☒) Sim () Não. Área: **educação infantil** Ano de Conclusão: **2005**

d. Especialização () Sim (☒) Não. Qual curso: Ano de Conclusão:

d. Mestrado () Sim (☒) Não. Qual: Ano de Conclusão:

e. Outro:

3. Experiência

e. Sempre trabalhou com Educação Infantil: () Sim (☒) Não

f. Tempo de trabalho na Educação Infantil: **9 anos**

g. Turma com que trabalha atualmente: **jardim I – integração inversa**

h. Número de crianças: **15 crianças**

i. Idade média das crianças: **4 anos**

j. Tem auxiliar: (☒) Sim () Não

l. Escola: (☒) Pública () Particular

m. Localização da escola (Região Administrativa): **Taguatinga -DF**

ENTREVISTA III

Temos em uma situação hipotética duas crianças da mesma idade, uma frequenta a educação infantil e a outra não, o que você acha que uma vai ter em relação à outra?

A socialização, porque quem frequenta tem mais facilidade. As habilidades, a criança que vem pra escola tem mais facilidade. O desenvolver, perceber os espaços temporais. Basicamente isso, porque o primeiro ano a gente trabalha muito só a socialização, adaptação, a rotina escolar, não cobra muito da criança questão de conteúdo, habilidades.

Um tema muito falado no contexto da educação infantil é a qualidade. O que você entende sobre isso?

Como eu trabalho muito a socialização, fazer com que eles interajam mesmo entre si, respeitando principalmente as regras de convívio social, que é o que hoje em dia é mais difícil.

E esta instituição, você acha que tem qualidade?

Sim

E o que você faria para melhorar mais a qualidade dela?

Traria mais os pais para participar da vida escolar dos filhos.

Você faz isso na sua sala de aula? Como?

Sim. Como entrei recentemente nessa turma, tento conversar com os pais nos momentos de chegada e saída dos alunos, é o único momento que tenho contato com eles, aí tento conhecer mais cada aluno através dos seus pais, mas é complicado.

Se uma pessoa pergunta-se a para você o que você entende sobre afetividade no contexto da educação infantil?

Afetividade é a forma como você trata a criança, e a forma como a criança recebe, emocionalmente o que você trabalha com ela.

E na sala de aula como você trabalha isso?

Na nossa sala nós temos o emocionômetro, que lá fala como que a gente se sente no dia, ai fala se você está triste, está feliz, está com raiva, se está com medo, se está alegre, se está com sono, se não está nada, e isso é trabalhado todos os dias, se está feliz, porque está feliz? Se estiver triste, porque está triste? O que a gente pode fazer para ficar feliz.

E como você trabalha as informações dadas pelos seus alunos no emocionômetro?

Quando tem um problema, porque como tenho um aluno especial não é fácil, ai a gente precisa dar muita atenção. Mas partindo de um problema se eu não consigo resolver em sala com histórias, dramatização e conversando, porque as vezes as crianças não respondem pessoalmente, ai eu chamo a orientadora educacional.

E como são essas dramatizações?

Nós temos fantasias aqui na escola, ai eu conto uma história e cada um veste uma fantasia. Ai a partir desse personagem da para saber o que a criança tem, o que ela está passando fora da escola. Ou então a gente faz brincadeira de casa, aqui é a sala, aqui é o quarto, eu sou a mãe, eu sou o pai e ai a gente vê como é o contexto familiar.

Você fala muito dessa relação família e escola. Então você conta muito com a ajuda dos pais?

Não, eu procuro muito a ajuda dos pais, mas não é positiva a resposta dos pais. Porque muitos trabalham, então a gente até entende, uns trabalham o dia todo, e vê a escola um lugar para deixar as crianças, um período seguro, mas mesmo assim a gente tenta.

Então você procura escutar muito seus alunos?

Sim, todo dia a gente conversa, faz a roda né, a rodinha e ali a gente conversa sobre o que aconteceu, o que gostaria, o que não gostaria, tem dia que a gente inventa, a hoje a gente podia fazer isso ou aquilo.

Caro (a) Professor (a)

Sou aluna do curso de pedagogia da Universidade de Brasília e estou fazendo uma pesquisa sobre a prática pedagógica na educação infantil, orientada pela professora Dra. Maria de Fátima Guerra de Sousa. Peço sua colaboração no sentido de responder às questões a seguir. Obrigada.

Professora IV (Profa IV)

1. Identidade

II – Sexo: **feminino** II – Idade: **49 anos**

2. Formação

a. Magistério () Sim (**x**) Não. Outro curso: Ano de Conclusão:

b. Pedagogia (**x**) Sim () Não. Outro curso: Ano de Conclusão: **1989**

c. Pós-Graduação (**x**) Sim () Não. Área: **psicopedagogia** Ano de Conclusão: **2007**

d. Especialização (**x**) Sim () Não. Qual curso: **alfabetização** Ano de Conclusão: **2009**

d. Mestrado () Sim (**x**) Não. Qual: Ano de Conclusão:

e. Outros:

3. Experiência

e. Sempre trabalhou com Educação Infantil: (**x**) Sim () Não

f. Tempo de trabalho na Educação Infantil: **10 anos**

g. Turma com que trabalha atualmente: **jardim I**

h. Número de crianças: **15 crianças**

i. Idade média das crianças: **4 anos**

j. Tem auxiliar: (**x**) Sim () Não

l. Escola: (**x**) Pública () Particular

m. Localização da escola (Região Administrativa): **Taguatinga = RA III**

ENTREVISTA IV

Uma criança frequenta a educação infantil e a outra não, qual a diferença entre elas?

A criança que não frequenta a escola, e que deveria ser normalmente da nossa classe, assim pelo nível aqui, a criança que não participa de escola fica muito retraída, não fica socializável, a gente sente quando da o lápis para a criança que não tem coordenação, não sabe manusear as coisas, então assim, a escola vem com esse papel na educação infantil, e quando a criança não participa fica totalmente alheia.

Tem um tema que é muito falado na educação infantil, que é a qualidade. O que você entende sobre esse tema?

Eu entendo que assim, tudo o que a gente faz com a criança na educação infantil não é muita coisa, mas são conceitos que a gente precisa trabalhar no dia a dia para que haja uma preparação para que a criança possa se alfabetizar e socializar, é o universo da escola mesmo.

E você acha que essa instituição que você trabalha tem qualidade?

Tem, principalmente na área social, a gente trabalha muito a questão social nessa escola.

E o que você faria para melhorar um pouco mais a qualidade na escola?

Eu já acho ela uma escola de ponta, trabalha muito essa questão, a criança que chega tímida aqui nunca sai tímida, porque as ações da escola, e todos os projetos são todos voltados para essa diversidade, inclusão, socialização, para a criança se desenvolver nesse meio e realmente são bem trabalhadas nesse meio.

E na sua sala de aula, o que você faz para que tenha qualidade?

Eu faço melhor, o que eu sei aplicar eu aplico e com qualidade, porque com uma turma reduzida é mais fácil, o número de aluno implica muito para a qualidade de ensino melhor, então eu aproveito essa fase de quinze alunos, tem os especiais que ensinam muito os outros, tem muito essa questão da acolhida, da participação, do respeito ao colega, a diversidade é bem trabalhada na sala, tanto que no final do ano eles ficam muito amigos uns dos outros, e aí de alguém se der um beliscão, eles se juntam, é muito legal quando isso acontece. A questão do lanche, como eles interagem, eles repartem o lanche, eles fazem uma coisa bem social, eu pego o seu, você pega o meu, coisas assim que a gente vê o crescimento da criança.

E você poderia dar um exemplo de atividade que é feita em sala de aula?

Na entrada a gente canta, eu peço para eles escolherem um amiguinho, aí eles se abraçam, pegam na mão, se ajudam nessa questão. Por exemplo, quando eu coloco um trabalho coletivo para eles se ajudarem, porque eu trabalho muito com o coletivo, no mínimo 4, como eles conseguem assim partilhar um com o outro, eu vejo criança pedir opinião pro outro, ajudar o outro, “a eu não sei fazer um braço” “a, mais eu sei”, e já pega e faz. O Diego é um aluno especial, se ele está chorando, todo mundo vem me falar que ele tá chorando como se eu não tivesse visto, assim, ele é o dodói da sala, quando o Diego entra na sala, eles até fazem um grito de guerra assim “Diego, Diego, Diego” e o Diego fica assim sabe, ele entende que é pra ele, ele não fala devido a esse comprometimento que ele tem, mas ele vê que é bem acolhido na sala de aula. Na prática o que acontece é isso, eles se ajudam, se você não sabe recortar o outro vai e ajuda, se um não sabe amarrar o cadarço, o outro vai e amarra, eles estão sempre preocupados, porque eles fazem parte de um grupo e nenhum se desvia, se algum se desvia, ou briga, ou bate, todos vem me contar essa novidade para que eu tome uma providência, tipo assim “isso não pode acontecer, nós somos amigos”, quando um fala que não é mais amigo do outro, daí vem e fala “tia, fulano falou que não é mais meu amigo”, então a gente trabalha muito a interação com os outros.

E a sua relação com seus alunos, como é?

Boa, eu considero boa, até muito, porque eu acabo me apegando, eles são tão pequeninhos e a gente vê o crescimento deles no decorrer do ano, mas o professor sabe que no final do ano tem que se desligar porque a criança tem que andar, tem que ir para outra sala, ter outro professor, mas assim é muito bacana ver a afetividade ligada entre o aluno e o professor, até os pais vem e falam “o que você está fazendo professora? Minha filha quando é feriado chora em casa porque quer ver a professora”, teve uma que queria porque queria que a mãe ligasse pra mim para falar comigo porque estava com saudade de mim. Pra mim isso é gratificante. E assim, quando eu chego ali no portão que eles já estão aqui, eles vem correndo me abraçar sabe, agarrar minhas pernas, mas é muito interessante, o lanche que eles trazem, eles sempre me oferecem, então assim, e sempre sabem que a professora é a líder da sala, claro que tem os líderes da sala, mas eles tem a consciência de que quem manda aqui sou eu, de mandar mesmo assim, porque acho que os pais trabalham essa questão em casa “tem que obedecer a

professora” “a professora é como se fosse a sua mãe”, e os meninos repetem isso em sala. Tem uns que chamam até de mãe, mas até de vó. Esse ano não trabalhei isso, mas eu ensino os meus alunos a me chamaram pelo nome, porque é mais íntimo, cria muito mais um laço do que criar um título como professora.

Você falou sobre o afeto entre os alunos, e você com eles. Se uma pessoa de fora chegasse em você e perguntasse o que é afetividade no contexto da educação infantil, o que você responderia?

É tudo, se não tiver afetividade eles não vão conseguir aprender. Eu penso assim, sempre estou de batom, eu sempre retoco meu batom, e eu vejo minhas alunas sempre com a unha pintada, pedem o batom da mãe, isso porque se espelham na professora. Na verdade as brincadeiras delas são assim “eu sou a professora e vocês são os alunos” e tem mães que vem relatar aqui, que no final de semana as crianças querem brincar de escolinha e muitas vezes repetem em casa o que é passado na escola. Ai eu falo para as mães “observem o que eles estão falando, que é o que foi passado em sala de aula, ai vai saber o que é feito em sala de aula”. Quando teve um trabalho aqui sobre o que os alunos queriam ser, todas as meninas responderam que querem ser professora, então assim, a influencia, esse laço na afetividade é muito importante.

E como você age com a afetividade na sala, nos conteúdos, nos trabalhinhos?

A experiência mostra que quanto mais tranquila, calma, amorosa e paciente for com o aluno, mais ele vai aprender, então quando uma criança não está aprendendo o comando para realizar uma atividade, o que eu faço, eu a chamo para sentar perto de mim e explico pausadamente, só se ele falar que entendeu para eu deixar ir. Assim, eu procuro ser o mais atenciosa possível, se for o caso de pegar na mão a gente pega, mas eu sou muito de deixar a criança independente, converso com ela e falo “agora você continua, você é capaz”, então assim, eu do essa autonomia para a criança, acredito no potencial deles e eles crescem, se desenvolvem muito.

E como você percebe que a criança não está aprendendo?

Eu procuro observar e escutar eles. Tento escutar tudo, saber a opinião da criança, brincar com eles assim ó “vamos imitar a professora?”, ai eu sento, eu sou a

aluna e alguém vai lá para frente, porque é ali que você pega seu jogo de cintura, porque teve uma época que eu pedi para uma aluna imitar a diretora, a única coisa que eles viam a imagem da diretora era assim ó, a diretora chegava na porta e falava assim “um bilhete para vocês”, e ela sempre chegava na porta fazendo isso, era só isso que a diretora fazia. Eu costumo pedir para eles brincarem de ser professor para me pegar aonde eu estou errada, porque se o professor grita ele vai gritar, se o professor bota de castigo ele vai botar de castigo na hora de imitar né, então eu trabalho muito nessa linha de avaliar, me avaliar através dos meus alunos, então a opinião deles para mim é importante, e eu acho lindo a fala deles, Paulo Roberto faz assim, eu falo “você tem certeza?” e ele responde “eu tenho certeza professora”, então assim as minhas crianças ficam todas críticas, independentes, todas tem uma opinião para dar, se você chega e fala assim “alguém quer contar uma historinha?” “todo mundo quer, não é aquela turma tímida, e quem da essa liberdade é o professor, é ele que faz o aluno ser assim.

E como é a relação dos pais com a escola?

Participam bem, porque eles trazem e buscam as crianças aqui na escola, os pais de um ou outro que a gente não tem a possibilidade de ver porque os filhos vêm de longe, mas o resto é bem frequente e os pais estão todos os dias na porta, e vão até a porta, qualquer coisa que acontece eles são bem exigentes também, então é assim, quem não deve não teme, quem está preparado para ser não tem problema com essa questão, eu costumo fazer amizade com os pais, além da escola sabe, então eu acho que é uma coisa bacana.

Caro (a) Professor (a)

Sou aluna do curso de pedagogia da Universidade de Brasília e estou fazendo uma pesquisa sobre a prática pedagógica na educação infantil, orientada pela professora Dra. Maria de Fátima Guerra de Sousa. Peço sua colaboração no sentido de responder às questões a seguir. Obrigada.

Professora V (Profa V)

1. Identidade

II – Sexo: **feminino** II – Idade: **42 anos**

2. Formação

a. Magistério () Sim (**x**) Não. Outro curso: Ano de Conclusão:

b. Pedagogia (**x**) Sim () Não. Outro curso: Ano de Conclusão: **2004**

c. Pós-Graduação (**x**) Sim () Não. Área: **psicopedagogia** Ano de Conclusão: -

d. Especialização () Sim (**x**) Não. Qual curso: Ano de Conclusão:

d. Mestrado () Sim (**x**) Não. Qual: Ano de Conclusão:

e. Outro:

3. Experiência

e. Sempre trabalhou com Educação Infantil: (**x**) Sim () Não

f. Tempo de trabalho na Educação Infantil: **8 anos**

g. Turma com que trabalha atualmente: **jardim I**

h. Número de crianças: **22 crianças**

i. Idade média das crianças: **4 anos**

j. Tem auxiliar: () Sim (**x**) Não

l. Escola: (**x**) Pública () Particular

m. Localização da escola (Região Administrativa): **Taguatinga**

ENTREVISTA V

Temos duas crianças da mesma idade, uma frequenta a educação infantil e a outra não, quais as diferenças que você notaria sobre elas?

Eu acredito que a criança que já frequenta, ela já sabe dividir, a questão da convivência, e até de respeito com as outras, a gente nota pela criança que chega na escola, ela é muito egoísta, digamos assim, mas ela é o centro de tudo, não divide o brinquedo, e nem o lanche, a gente vê pelos meus aqui, eles dividem tudo, cuidam do outro também, eles tem essa noção de cuidar do coleguinha, e eu acho que a diferença maior mesmo está na divisão mesmo, no dividir, no trocar, porque eles trocam experiência, trocam brinquedos, e não faz “isso é meu, não vou dividir”, pelo menos na minha turma é assim.

No contexto da educação infantil, a qualidade é um tema muito discutido. O que você entende sobre isso?

Eu acho que a qualidade é muito boa, porque a criança nessa idade aprende muito através do brincar, da interação com os outros coleguinhas, eu acredito que a qualidade é muito boa, pelo menos pelas escolas que eu passei, pelas turminhas que peguei, trabalham muito esses eixos através do brincar que a criança aprende, e eu acho que a qualidade é boa.

E você acha que essa escola tem qualidade?

Tem qualidade sim. Ela tem um espaço muito bom para as crianças brincarem e conviverem umas com as outras.

E o que você faz em sala de aula para melhorar qualidade?

Olha, a gente trabalha muito com o lúdico, eu trabalho muito o lúdico com essas crianças. A professora falou que eu transformei a turma né, assim, o que eu acho sinceramente, sinto algumas diferenças assim em alunos específicos, mas quem está de fora, inclusive os pais já vieram falar para mim “nossa, fulano se quer ficava sentado aqui fora, eles brigavam o tempo todo, e agora eles sentam, eles conversam”, eles vieram falar assim para mim, mas eu trabalho muito isso, o brincar, o interagir, para sentir na pele do outro mesmo, porque um vem e as vezes bate, até o brigar mesmo, quando o acontece eu chamo converso e falo para se colocarem no lugar do outro, se isso é legal ou não e assim é que eu consigo levar, mas você vê a diferença muito é na

forma de brincar, no lúdico mesmo, e é exatamente o brincar, o cuidar que vai fazer com que ele se desenvolva.

E se uma pessoa de fora que não convive com esse ambiente escolar viesse perguntar para você, o que é afetividade no contexto da educação infantil, o que você responderia?

Afetividade para mim é exatamente o cuidar, para mim isso é afetividade, porque aquela criança que é tratada com indiferença em casa ou na escola, ela não tem aquela afetividade pelo outro, aquele afeto ou carinho, eu entendo isso. Se uma pessoa perguntar o que é afetividade eu falo que é o preocupar, o cuidar do outro.

E como você age nesse ponto na sala de aula? Como é a relação afetiva com seus alunos?

Bom, eu acho que é exatamente nisso que eu to te falando, quando aparece uma situação eu chamo, eu converso, eu faço assim, vejo como que a criança vê que eu tenho preocupação com ele, tem muitos casos aqui que a crianças chegam e falam as coisas “ah, mas a minha mãe” e eu respondo “a, mas a sua mãe se preocupa com você do mesmo jeito, cada um tem um modo diferente de amar, mas cada um ama do seu jeito” então assim, pra mim eu faço com que eles se sintam no lugar no outro, eu trabalho muito isso.

Você comentou sobre a relação das crianças em suas casas. Os pais colaboram, ou melhor, tem participação?

Colaboram, é pouco tempo para falar isso pra você, porque já passaram muitos professores por aqui, e eu estou a pouco tempo aqui na sala né, mas assim, o que eu tenho percebido neles, não sei se foi por essa quebra de professoras, mas eles falam muito assim “ah, até quando vai ficar a professora?” então a gente tem feito essa ligação maior com os pais, e é bom.

E de que forma os pais participam?

Ahhh, eles me falam como a criança é em casa, me perguntam como ela está na sala de aula, me falam sobre o comportamento da criança em casa, assim, eles me passam muitas informações que ajudam a dar uma atenção melhor a cada aluno, sabe.

E como você dá uma atenção melhor a cada aluno?

Ahhh, além de escutar os pais, eu também procuro escutar as crianças. Porque se não for assim não há afetividade, tem que ser na troca, uma troca mesmo, vamos sentar, vamos conversar até na hora da entradinha, não sei se alguma professora já falou, a gente reúne com toda a escola lá fora, e tem o caso da rodinha que todo dia alguém vem e traz um caso de casa né ou sei lá, algo que chateou ou alegrou, e todos sentam, todos escutam aquele né, e as vezes a gente até se põe no lugar mesmo “e se fosse com a gente, o que a gente faria?” a gente tem trabalhado muito assim, e Graças a Deus não tem receita a educação né, assim uma coisa engessada, mas tem dado muito certo aqui na minha turma, eles estão bem mais harmoniosos uns com os outros.

Caro (a) Professor (a)

Sou aluna do curso de pedagogia da Universidade de Brasília e estou fazendo uma pesquisa sobre a prática pedagógica na educação infantil, orientada pela professora Dra. Maria de Fátima Guerra de Sousa. Peço sua colaboração no sentido de responder às questões a seguir. Obrigada.

Professora VI (Profa VI)

1. Identidade

II – Sexo: **feminino** II – Idade: **36 anos**

2. Formação

- a. Magistério (☒) Sim () Não. Outro curso: Ano de Conclusão: **1994**
- b. Pedagogia (☒) Sim () Não. Outro curso: Ano de Conclusão: **2006**
- c. Pós-Graduação (☒) Sim () Não. Área: **Gestão Escolar** Ano de Conclusão: **2008**
- d. Especialização () Sim (☒) Não. Qual curso: Ano de Conclusão:
- d. Mestrado () Sim (☒) Não. Qual: Ano de Conclusão:
- e. Outro:

3. Experiência

- e. Sempre trabalhou com Educação Infantil: () Sim (☒) Não
- f. Tempo de trabalho na Educação Infantil: **5 anos**
- g. Turma com que trabalha atualmente: **jardim I**
- h. Número de crianças: **15 crianças**
- i. Idade média das crianças: **4 anos**
- j. Tem auxiliar: () Sim (☒) Não
- l. Escola: (☒) Pública () Particular
- m. Localização da escola (Região Administrativa): **Taguatinga**

ENTREVISTA VI

Temos uma situação com duas crianças da mesma faixa etária, uma frequenta a educação infantil e a outra não. O que você poderia me falar sobre cada uma?

O desenvolvimento, a psicomotricidade, a coordenação motora, a questão do equilíbrio, tudo isso vai mudar muito em relação as duas, a que frequenta e a que não frequenta. A criança que não frequenta não tem estímulos suficientes para passar por todas as etapas da que está na escola.

No contexto da educação infantil temos discutido muito sobre a qualidade. O que você entende sobre qualidade?

Eu acredito que é justamente conseguir trabalhar essas questões de desenvolvimento dessa fase infantil muito mais ligado ao afeto e a proximidade e da questão de aprender a ser uma criança e não de imitar um adulto, saber a diferença de qual etapa que ele está vivenciando, acho que mais ou menos nesse sentido.

E como você acha que deveria ser uma escola de qualidade?

Assim, uma escola de qualidade modifica, seria como a primeira pergunta que você fez, uma criança fora da realidade e uma criança dentro da realidade escolar. Uma criança dentro da realidade escolar em uma escola sem qualidade talvez ela seja atrasada, talvez essa questão de desenvolvimentos necessários para a infância dessa criança, enquanto a que está em uma escola de qualidade vai receber estímulos que vai deixar cada vez mais ativo para receber alfabetização, para aprender a ler e a escrever, ela vai estar vendo o mundo, visualizando o mundo, o mundo inteiro, ela só não consegue decodificar esse mundo, então se ela estiver em uma escola que não tenha qualidade ela vai continuar não decodificando e isso vai até pós-graduação, mestrado e aí vai. Os nossos jovens de hoje que não conseguem nem escrever.

E o que você faz para que sua sala de aula tenha qualidade?

Trabalho muito com a estimulação visual, com a estimulação individual de cada criança, vejo muito essa questão de equilíbrio, gosto de ter uma sala muito colorida, gosto de ter uma sala que tenha muito brinquedo, acho que conversar com uma criança individualmente, saber quais são os anseios dela, saber como é a vida dela pessoal que se interfere muito na educação dela dentro da sala de aula, saber como a família entende

que essa escola influência na parte pedagógica da criança, que muitas famílias pensam que as crianças estão apenas brincando e não conseguem entender que nessas brincadeiras existem vários objetivos que estão sendo trabalhados, então saber colocar isso para a família também, eu acho que é muito importante essa junção, família e escola, tem que estar tudo junto, todo mundo caminhando pertinho.

E a família ajuda muito? Como?

Muito, é a que mais passa informações da criança né, então a gente tem que trabalhar com essas informações que ela traz, principalmente na idade dos nossos que vem de casa né, eles estão vindo do lar, é a primeira vez que vem na escola, então a gente tem que ver o que recebeu em casa para saber como continuar na escola.

Como é essa relação família e escola com a sua turma?

Maravilhosa, Graças a Deus, tenho problema nenhum, a turma que eu estava trabalhando, era uma turma que como eu fiz muito o trabalho de conhecer primeiro o dia a dia deles em casa, a gente fez um relatóriozinho aonde os pais escreveram como que essa criança nasceu, como foram os primeiros passos dela, até ela chegar na escola como foi o desenvolvimento dela, para depois a gente criar um vínculo com cada uma dessas famílias, com algumas a gente teve que fazer um trabalho de interferência e com outras não, algumas estavam muito bem adaptadas a vida escolar, porque já passaram por creches ou por outros ambientes, outros não, alguns pais traziam essa ideia de que escola infantil é para brincar e a gente teve que trabalhar o contexto dos pais, da família e Graças a Deus a gente tinha uma linha de afeição também né, entre a professora, as crianças e a família. A gente não teve nenhum problema, muito pelo contrário, eu to tendo problema agora, porque eles estão com medo de ser outra pessoa no próximo ano, e que não consiga atingir o mesmo nível de afeto né, de afeição.

Você falou bastante sobre os vínculos de afeição criados entre você, o aluno e a família. Se alguém de fora contexto escolar te perguntasse o que é a afetividade no contexto da educação infantil, o que você responderia?

Eu acredito que é o apego maior que a criança tem, porque assim, ela primeiro precisa estar segura, então é uma questão de segurança, ela tem que confiar no professor, tem que confiar na escola, ela tem que se sentir segura nesse espaço, então

assim a segurança é primordial para ela, então o afeto eu diria que é 80% na educação infantil, ela tem que ter esse laço de afeto para acreditar no que ela está fazendo, para confiar e não pensar que está apenas brincando, eles pensam que os filhos estão no jardim de infância brincando, só brincando né.. eles estão aprendendo, inclusive com as brincadeiras.

E como você age em sala para que essa afetividade aconteça?

Bom, primeiro eu respeito muito a individualidade deles, o tempo deles, o ritmo que eles tem, o que eles trazem de conhecimento de casa, o conhecimento que eles trazem do dia a dia deles, e eu acho assim que o respeito a individualidade é o primeiro ponto, e a partir do momento que você conhece a individualidade do aluno sabe aonde que a questão da afetividade vai influenciar, onde você vai ter que trabalhar com mais afeto, o que pra mim já é natural né, você vai ter que se apegar mais a família, interferir mais no cotidiano daquele aluno dentro do ambiente escolar para depois que você conhece e respeita a individualidade começa a trabalhar em grupo, com convivência, sabendo as regras, a questão social, porque ele se sentindo respeitado, ele vai aprender a respeitar também.

E que tipo de atividades você poderia dar exemplo?

Atividades como brincadeiras, quando eu vou começar lá no individual, a gente começa muito com brincadeiras com bonecas, com carrinhos, com ursinhos de pelúcia, com bichinhos, porque eles refletem muito do que eles pensam na brincadeira deles, no imaginário que eles estão ali, então o brincar de casinha, o brincar de parquinho, o brincar no flamboyant, o brincar nos espaços, essa observação da brincadeira inicial é primordial para a gente saber exatamente o que essa criança traz embutido dentro dela, porque ela transmite essas brincadeiras dela, o que ela pensa, o que ela conhece, o imaginário dela, até aonde ela avança, então esse brincar, observar o brincar é primordial. E toda brincadeira e atividade tem que ter um significado para a criança.

Como assim? Tudo tem que ter um significado?

Tudo que a gente traz para dentro da sala de aula tem que ter um objetivo, a criança tem que entender esse objetivo, porque se ela vê que é uma coisa solta, sem sentido pro que ela está fazendo, ela vai mudar, ela vai procurar outra brincadeira e vai

começar a imaginar, porque a criança é muito imaginativa, ela usa muito da imaginação, então se isso daqui pra mim não tem objetivo nenhum eu vou largar isso aqui e vou procurar um pedaço de uma caneta e vou fazer daquilo dali um castelo e vou brincar e não quero saber do que está sendo feito pra lá né.

E como você sabe quando a criança não está vendo significado na atividade ou na brincadeira?

Eu acho que é um pouco disso que eu tinha falado agora, ela vivencia e transmite o que ela vivencia, tipo em volta dela tudo o que está acontecendo, tudo o que está em volta dela, ela está captando e ela vai transmitir isso, por isso procuro escutar meus alunos.

Como você escuta seus alunos?

Então assim, eu escuto e observo os meus alunos em tudo, durante a rodinha, as conversas que eles têm entre eles. E a gente também tem que ter até cuidado com o que fala, com o jeito que fala, com os nossos comportamentos, porque eles imitam muito os nossos comportamentos né, então assim, eles agem muito por repetição né, imitação, a Laís então é um exemplo clássico disso, ela mais imitava o que ela via do que fazia coisas novas, então assim, a gente tem que ter muito cuidado no que faz. A observação então, porque ela é mais importante no início como diagnóstico de observação, extremamente importante, que é através dessa observação que você vai afinando todos os outros sentidos para saber ressaltar o que você vai trabalhar no currículo, o que é necessário para aquela turma, o que fazer para aquela turma, o que você fazer quando chegar, então o primordial até para essa escuta é a observação, tem que saber observar.